

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO**

LARA ELISANE SILVA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL NO ENSINO SUPERIOR:
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

CAXIAS DO SUL

2018

LARA ELISANE SILVA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL NO ENSINO SUPERIOR:
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade de
Caxias do Sul para obtenção do
título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Eliana
Maria do Sacramento Soares

CAXIAS DO SUL

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

S586p Silva, Lara Elisane

Práticas de letramento digital no ensino superior : algumas
considerações / Lara Elisane Silva. – 2018.

75 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Educação, 2018.

Orientação: Eliana Maria do Sacramento Soares.

1. Letramento digital. 2. Ensino auxiliado por computador. 3.
Professores - Formação. 4. Ensino superior. I. Soares, Eliana Maria do
Sacramento, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37.018.43:004

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Paula Fernanda Fedatto Leal - CRB 10/2291



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

“Práticas de Letramento Digital no Ensino Superior: algumas considerações”

Lara Elisane Silva

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestra em Educação. Linha de Pesquisa: Educação, Linguagem e Tecnologia.

Caxias do Sul, 29 de agosto de 2018.

Banca Examinadora:

Dra. Eliana Maria do Sacramento Soares (presidente – UCS)

Dra. Tânia Maris de Azevedo (UCS)

Dr. Daniel de Queiroz Lopes (UFRGS)

CAMPUS-SEDE

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax (54) 3218.2100 – www.ucs.br

Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGCTE 029/0089530

Dedico este trabalho aos meus pais, minha irmã e aos meus filhos pelo apoio e incentivo constante ao meu desenvolvimento pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

Foi uma caminhada de desafios e muitas descobertas, por isso, agradeço a Deus pela oportunidade de vivenciar esta experiência com saúde e sabedoria. Aos meus familiares por se orgulharem a todo momento da minha coragem e por acreditarem na minha busca pelo saber.

Aos meus grandes parceiros de vida, meus pais Adão e Irene, minha irmã Kelli e meus filhos Lorenzo e Nicolás Barcelos, que valorizam e acreditam na educação e em tudo o que ela pode nos proporcionar. Foram minha força nos momentos difíceis e meus estímulos em todo o processo de construção deste trabalho.

A minha orientadora Professora Dra. Eliana Maria do Sacramento Soares, que acreditou no meu potencial e me guiou pelos labirintos desta formação.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação da UCS e aos colegas do curso, agradeço pelo companheirismo e amizade dedicados neste período e certamente daqui para sempre. Obrigada.

*"Embora ninguém possa voltar atrás
e fazer um novo começo, qualquer um
pode começar agora e fazer um novo fim."
Chico Xavier*

RESUMO

A pesquisa que deu origem a essa dissertação teve como pergunta orientadora: como acontecem as práticas de letramento digital no ensino superior em contextos que utilizam ambientes virtuais de aprendizagem para mediar os processos educativos? O quadro teórico foi baseado em conceitos relacionados a educação na era da cultura digital, letramento digital, ambientes virtuais de aprendizagem, formação de professores no ensino superior e práticas de letramento digital. O delineamento metodológico foi baseado em pesquisa bibliográfica cujo corpus teórico foi constituído por textos identificados a partir de uma busca na qual os temas estavam relacionados à pergunta da pesquisa. Por meio da análise de conteúdo foram definidas duas categorias: atuação docente em ambiente virtual de aprendizagem e prática de letramento digital no ensino superior, que ao serem desdobradas e articuladas geraram a respostas à pergunta de pesquisa. Os resultados indicam que as tecnologias digitais precisam ser articuladas aos processos pedagógicos, possibilitando que professores e alunos estejam juntos co-criando as práticas de aprendizagem. Indicam ainda que as práticas de letramento digital em ambientes virtuais de aprendizagem exigem planejamento coletivo que favoreça a interação e a mediação, e que as operações realizadas por meio dos recursos digitais sejam significadas pelos alunos. Podemos ainda recomendar, com base nos resultados encontrados, que pensar em práticas de letramento digital, requer revisar o conceito de currículo, de atuação docente e discente e de prática educativa, levando em conta o potencial dos recursos digitais como mediadores do processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Educação, cultura digital, letramento digital, prática de letramento digital, ambiente virtual de aprendizagem, formação docente e ensino superior.

ABSTRACT

The research that gave rise to this dissertation had as a guiding question: how do digital literacy practices occur in higher education in contexts that use virtual learning environments to mediate educational processes? The theoretical framework was based on concepts related to Education in the age of digital culture, digital literacy, virtual learning environments, teacher training in higher education and digital literacy practice. The methodological design was based on the bibliographical research where the theoretical corpus was constituted by texts identified from a search where the themes for that were related to the research question. Through content analysis, two categories were defined: teaching performance in a virtual learning environment and digital literacy practice in higher education, which, when deployed and articulated, generated the answers to the research question. The results indicate that digital technologies need to be articulated to the pedagogical processes, allowing teachers and students to be co-creating learning practices. They also indicate that the digital literacy practices in virtual learning environments require collective planning that favors interaction and mediation, and that the operations carried out through the digital resources are signified by the students. We can also recommend, based on the results found, that thinking about digital literacy practices requires reviewing the concept of curriculum, teaching and student performance and educational practice, taking into account the potential of digital resources as mediators of the teaching process and learning.

Keywords: Education, digital culture, digital literacy, digital literacy practice, virtual learning environment, teacher training and higher education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição quantitativa das teses, dissertações e artigos.....	34
Quadro 2 – Descritor: Educação na cultura digital.....	35
Quadro 3 – Descritor: Letramento Digital.....	35
Quadro 4 – Descritor: Ambientes virtuais de aprendizagem.....	38
Quadro 5 – Descritor: Formação de docentes para o Ensino Superior.....	39
Quadro 6 – Descritor: Práticas de Letramento Digital.....	41
Quadro 7 – Codificação dos documentos.....	44
Quadro 8 – Categorização dos códigos.....	45
Quadro 9 – Categoria: Atuação docente em AVA.....	46
Quadro 10 – Categoria: Prática de Letramento Digital no Ensino Superior.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EaD	Educação a Distância
IES	Instituição de Ensino Superior
LD	Letramento Digital
TD	Tecnologia digital
TI	Tecnologia da Informação
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UCS	Universidade de Caxias do Sul

SUMÁRIO

1 . APRESENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO.....	14
1.1. Justificativa e relevância.....	14
1.2. Objetivo geral.	16
1.3. Objetivos específicos.....	16
2 . REFERENCIAIS TEÓRICOS – Base da pesquisa.....	17
2.1 Educação na era da cultura digital.	17
2.2 Letramento digital.	21
2.3 Ambientes virtuais de aprendizagem.....	26
2.4 Formação de professores para o ensino superior	27
3 . DELINEAMENTO METODOLÓGICO	31
3.1 Análise de conteúdo perspectiva de organização.....	32
3.2 O <i>corpus</i> da pesquisa.....	33
3.3 Procedimento de análise	43
4 . ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	48
4.1 Atuação Docente em AVA, ambiente virtual de aprendizagem	48
4.2 Práticas de Letramento Digital no Ensino Superior.	60
5 . RESULTADOS.....	67
6 . CONSIDERAÇÕES FINAIS	69

REFERÊNCIAS

1. APRESENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

Esta pesquisa foi motivada considerando as transformações que as tecnologias de informação e comunicação - TICS - produziram na geração da qual faço parte. A sua inserção na vida cotidiana acabou por desenvolver novas formas de comunicação e assim possibilitou o acesso as mais diversas informações através de *site, twitter, instagran, facebook, fanpage, live, myspace, widget, blog, flashmob, hotsite* e outras ferramentas e aplicativos presentes no nosso dia a dia, pois, trabalhamos, estudamos e nos divertimos na frente de uma tela, conectados à internet. E se ela “cair”, ficamos perdidos, sem saber o que fazer. Somos dependentes da tal “rede” onde milhões de usuários passam boa parte do seu tempo diariamente. A evolução tecnológica encanta, mas também nos desafia provocando modificações nos diferentes contextos, no caso desse estudo, nas práticas de letramento digital no ensino superior.

Estar no programa de pós- graduação da Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Educação, na linha de pesquisa: educação, linguagem e tecnologia, me oportunizou ingressar no mundo da pesquisa e despertou minha curiosidade na busca de resposta para a questão que norteia este estudo e que agora apresento.

1.1 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Entendemos que ser um indivíduo letrado digitalmente representa mais do que saber usar um computador e acessar a internet, é necessário saber utilizar os recursos digitais para dar significado às ações e compreender seus objetivos, ou seja, dar sentido ao seu uso. Quando se refere a letramento digital, Lévy (1993), enfoca de que modo o ser humano pensa a sua condição de humanidade e sua representação numa sociedade cercada por tecnologias variadas. O autor revela que os professores têm um importante papel no incentivo de práticas que encaminhem os jovens ao LD, porém, com conhecimentos que ultrapassem por exemplo a utilização do mouse, teclado e monitor.

Contudo, obviamente, essa questão não se esgota aqui e nem pretendemos responsabilizar o professor por imprecisões ocorridas no âmbito educacional. A intenção é simplesmente tentar facilitar o reconhecimento das possibilidades digitais, como diz o conceito de letramento digital, citado por Coscarelli (2005, apud Duran,

2008, p.54), quando refere-se ao "nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto escrever)".

Em busca destas capacidades realizamos estudos que apontam na direção de um professor que aprendeu de uma maneira diferente daquela que os jovens aprendem hoje, isso em razão da evolução da tecnologia, que mantém em processo de desenvolvimento a forma de ensinar e de aprender do professor, interferindo também no seu método educativo em sala de aula e igualmente na sua vida cotidiana. É necessário, pois, uma nova abordagem na formação docente considerando as mudanças sociais e culturais atuais (LÉVY, 2011).

Paiva (2008) revela que, quando surge uma nova tecnologia, a primeira atitude é a desconfiança seguida de rejeição. Então, aos poucos, a tecnologia começa a figurar nas ações e, portanto, acaba incorporada nas práticas pedagógicas. Quando esta tecnologia começa a ser presença constante é a fase da normalização, momento em acontece a inserção, aí, podemos definir como um estado em que a tecnologia se funde às práticas pedagógicas e acaba tornando-se parte, por este motivo deixa de ser vista como algo a ser temido. (PAIVA, 2008).

Assim, a inserção das tecnologias no contexto educativo é um processo e a cada passo, a dinâmica educativa vai sendo modificada, dando espaço para os recursos e possibilidades das ferramentas digitais. Nesse sentido o conceito de letramento digital é um caminho que pode oferecer instrumentos teóricos para que o professor possa redimensionar sua forma de atuar no contexto digital. O letramento digital, está relacionado ao uso significativo dos recursos e possibilidades das tecnologias digitais no sentido de incluir esses recursos em seu cotidiano de forma relevante para realizar tarefas com as quais se depara, de forma competente. Então, no contexto educativo, realizar práticas de letramento digital diz respeito a usar os recursos digitais de forma relevante, com significado e sentido. Dessa forma surge o desafio: como isso pode ser realizado?

Neste cenário, Santos e Silva (2001), Araújo (2006), Buzato (2007) e Ribeiro (2008), apresentam resultados de estudos que investigam como o letramento digital está sendo considerado no contexto educativo. Esses autores buscaram entender como estão sendo utilizados os recursos digitais, na forma de leitura de textos on-line, navegação para buscas de informação na internet, dentre outros, analisando se eles

estão sendo realizados de forma significativa e modificando as formas vigentes de realizar essas tarefas.

Posto isso, escolhemos a questão de pesquisa e os objetivos desse estudo: **como acontecem as práticas de letramento digital no ensino superior em contextos que utilizam ambientes virtuais de aprendizagem para mediar os processos educativos?**

1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar documentos contendo resultados de pesquisa relacionadas às práticas de letramento digital no contexto do ensino superior para entender como acontecem as práticas de letramento digital em ambientes de aprendizagem no ensino superior.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Aprofundar os conceitos de cultura digital, letramento digital e ambiente virtual de aprendizagem para constituir o quadro teórico da pesquisa;
- Identificar artigos, teses e dissertações, para constituir o *corpus* teórico da pesquisa;
- Analisar o *corpus* considerando a análise de conteúdo para apresentar práticas de letramento digital em AVA no ensino superior.

Para a apresentação desta pesquisa, o trabalho foi organizado em cinco capítulos. No primeiro, como visto, foi destacada a contextualização e a justificativa que levaram à opção pelo tema proposto. É apresentada a pergunta de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa.

No capítulo 2, são apresentados e discutidos conceitos relacionados a educação na cultura digital, letramento digital e suas práticas, formação de professores para o ensino superior e ambiente virtual de aprendizagem, no qual foram utilizados como base os textos de Lévy (1993), de Lemos (2002), de Soares (1998), de Valentini e Soares (2011) e de Xavier (2002), entre outros, para compor o quadro teórico.

O capítulo 3, referente à metodologia, aborda a caracterização e a natureza

da pesquisa, revelando o contexto em que ela foi organizada, assim como os passos seguidos para a busca, constituição do *corpus*, análise e interpretação dos dados, segundo Bardin (2011).

O capítulo 4 versa sobre a análise dos dados, apresentando o tratamento, análise e discussão das informações do *corpus*, relacionado às práticas de LD em ambiente virtual de aprendizagem no ensino superior.

No capítulo 5 são apresentados os resultados numa síntese interpretativa. Por fim o capítulo 6, com as considerações finais.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS – BASE DA PESQUISA

Os fundamentos teóricos que sustentam esta pesquisa serão expostos neste capítulo no qual apresentaremos conceitos referentes à educação, à cultura digital, ao letramento digital e sua prática, ao ambiente virtual de aprendizagem, à formação docente e ao ensino superior.

Traremos inicialmente pontos relacionados à educação no qual abordaremos conceitos de Paviani (2005) e de Paulo Freire (1987). Na sequência, serão abordados tópicos relacionados à cultura digital e suas influências, além de apresentar os conceitos de ciberespaço e de cibercultura, na perspectiva de Lévy (1999) e de Lemos (2002). Dando continuidade, abordaremos os conceitos relacionados ao letramento digital, iniciando com o debate do letramento e da alfabetização e seguiremos desenvolvendo estes temas associados ao letramento digital, com base em Soares (2002), Xavier (2002), Valentini e Soares (2011), entre outros autores. Em relação à formação de professores e ensino superior, buscamos aporte em Buzato (2007), que nos aponta a necessidade desta formação contemplar fundamentos como o LD.

2.1. EDUCAÇÃO NA ERA DA CULTURA DIGITAL

Para compreendermos o conceito de educação, precisamos entender que o ato de ensinar e aprender pode ocorrer em qualquer lugar e a qualquer momento. Todo espaço social é educativo e propício para o desenvolvimento integral do sujeito. Além da sala de aula e da convivência familiar, como cita Paviani (2005), a educação ultrapassa os muros escolares e a construção do conhecimento utiliza elementos que

transcendem os currículos formais. Sendo assim, entende-se a educação como “um fenômeno amplo que antecede a própria ciência que fornece o conteúdo das disciplinas ministradas na escola” (PAVIANI, 2005, p. 9).

Ver o aluno como um mero receptor de informações não cabe na educação contemporânea. Este tema foi, amplamente questionado por Paulo Freire (1987) que, em suas obras – algumas escritas há cerca de trinta anos atrás - utilizava o termo educação bancária referindo-se a essa forma de educar, tendo o aluno como receptáculo do conhecimento. Ao professor cabia transmitir informações e ao aluno receber e registrar, pois o aprendizado era avaliado posteriormente, para que o professor pudesse conferir se o aluno havia aprendido ou não. Freire (1979) apresenta o ato educar (e educar-se) como uma busca incessante pelo conhecimento, o desejo que homens e mulheres têm em saber e ser mais, o que, por sua vez, implica na compreensão dos aprendizes como sujeitos ativos na construção do saber, sujeitos da própria educação e não objeto dela. Atualmente, manter os alunos passivos na escola não é – e nunca foi – suficiente, especialmente para prepará-los para conviver na coletividade contemporânea, isso acontece porque há uma exigência maior, por parte da sociedade, de que sejam sujeitos ativos, que participem, questionem e decidam a sua realidade.

Segundo Delors (1996), a educação, além de transmitir informações, deve preparar um cidadão que saiba transformar estas informações em conhecimento. Esta ação transformadora é considerada por Coll e Monereo (2010) como tendo, também, influências da tecnologia digital na sociedade que, conseqüentemente, ressoam na educação. Partindo desta concepção de educação como uma ação ampla de desenvolvimento humano, que acontece em todos os espaços e tempos sociais, introduziremos alguns aspectos a respeito da cultura digital e seu reflexo na educação.

A flexibilidade no desenvolvimento da cultura digital possibilita a expansão das tecnologias virtuais, como dito por Santaela (2008),

(...) documentos em forma de textos, imagens, sons e vídeos reproduzidos com auxílio de softwares e hardwares dos computadores foram um dos motores da (r) evolução tecnológica contemporânea, produzindo mudanças sociais e outros hábitos nos quais todos podem ser autores e emissores no compartilhamento de projetos e ideais no modelo todos-todos. Os sites passaram a compor o cotidiano dos internautas, que navegam pelo ciberespaço com movimentos livres, toques e clicks dos mouses, no intermédio harmônico entre os sistemas lineares e não lineares dos espaços de conversas textuais, sonoras e visuais na produção de culturas. (SANTAELA, 2008, p. 113).

As utilizações destas tecnologias digitais fazem parte da nossa vida, por exemplo, checar a agenda, curtir e compartilhar algum conteúdo das redes sociais, entre muitos outros atos do cotidiano que nem percebemos que estamos utilizando as tecnologias devido a frequência e a automaticidade. Lemos (2007) aborda que a cultura digital, também entendida como a cibercultura, é uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais e educacionais, práticas culturais, ritmo de produção e distribuição de informações. Tem se criado, a partir da cultura digital, o que está sendo chamado de “mídia do cidadão”, em que todos são estimulados a produzir, distribuir, reconstruir e modificar conteúdo. Além disso, a cultura digital tem criado novas relações de trabalho e de lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social, tudo a partir do uso das TDs.

A popularização das tecnologias expandiu através da rede mundial de computadores – internet – que por sua vez, propiciou o desenvolvimento da teia de relações sociais e, com isso, novas formas de praticar a comunicação social na sociedade em que vivemos.

Quando falamos em expansão das relações na rede, nos deparamos com as colocações de Lévy (1999), onde aborda que a conexão é um dos mais importantes aspectos da cultura. É justamente esta interação entre sujeitos distintos que cria os grupos de interesse comum. Diz o autor que: “a Cibercultura é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), práticas de atitudes, modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. (LÉVY, 1999, p.17).

O comportamento humano no meio virtual e o avanço das TICs favorecem o desenvolvimento da cultura digital, conforme Lemos (2007), que em suas pesquisas, dedica-se a estudar os impactos das tecnologias na sociedade. Para ele, a tecnologia interfere nos ritos mais triviais do cotidiano das pessoas, provocando “novas formas de sociabilidade”: a cultura moderna, relacionada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.), gera novas relações na vida social. Para o autor, é possível vermos “hoje a formação de uma estética do social que se espalha sob nossos olhos, nutridas pelas tecnologias do ciberespaço.” (LEMOS 2007 p. 15-16).

Nesta esfera destacamos que o papel principal não está na tecnologia digital, mas nos processos provocados pelos usuários, quando interagem, trocam informações e se relacionam nos ambientes virtuais. Para Lemos (2007), o advento

da internet fez com que a cultura digital ganhasse maior visibilidade, além de ser um processo em permanente atualização, dinâmico e, por ele, considerado um fenômeno contemporâneo talvez dos mais importantes. Esse fenômeno passa rapidamente por mudanças devido as características do ciberespaço como, por exemplo, as alterações constantes a que estamos expostos, especialmente em razão da velocidade das ideias, dos assuntos e das informações que se expandem em diferentes direções e criam um entrelaçamento no texto que foi produzido na tela digital. Este texto, chamado de hipertexto, é uma das marcas da cultura digital por conter links e, portanto, estabelecer diferentes conexões.

Estes desdobramentos do hipertexto são construídos no contexto digital pelo autor conforme a sua idealização, e, desta forma, é, especialmente, acertando e errando que o autor irá descobrir como as coisas realmente funcionam. Santaella (2004) nos diz que este aprendizado ocorre pelo acúmulo de experiências. Por ela, o usuário, chamado de “navegador”, torna-se investigador que mais tarde terá condições de até mesmo prever suas práticas de forma que consiga criar um esquema mental de navegação. Esta habilidade será desenvolvida pelo navegador fundamentalmente com a prática. E com a apropriação desta prática é que haverá a possibilidade de compartilhamento de informações no qual o dinamismo se refletirá nas ações entre os sujeitos envolvidos.

E em se tratando de dinâmica, as informações compartilhadas na internet são vistas por Lévy (2007) como inteligência coletiva, na qual os diferentes saberes se complementam e existe a possibilidade de reconhecer no outro um sujeito dotado de capacidades e de inteligência. Esta prática pode desenvolver uma comunicação mais expressiva entre os indivíduos tornando-se uma forma de crescimento em conjunto, valorizando as ideias e a inteligência do outro.

O fato de ocorrer compartilhamento de dados no ciberespaço, torna as informações digitais provisórias, com um ritmo de pertinência imediata e de obsolescência acelerada. Com o livre acesso à rede mundial de computadores, as pessoas estão expressando cada vez mais suas ideias e opiniões.

Estas ideias lançadas na rede reúnem adeptos e formam uma inteligência coletiva, que acaba por provocar uma disrupção, ou seja, um rompimento do paradigma vigente para recriar um novo conceito, este ciclo se renova e desencadeia novas ações no fluxo da comunicação. Porém, Lévy (1993) nos diz que para se chegar a este nível foi necessário um começo, um movimento que ocasionasse uma

mudança. Esta ação aconteceu pela iniciativa de jovens americanos criadores do movimento “*computer to the people*” (computadores para as pessoas).

Autores como Lemos (2002) e Lévy (1993) comparam a importância das tecnologias digitais na sociedade atual com a invenção da imprensa por Gutemberg, o que causou muitas e importantes alterações, entre outras, na forma com que nos comunicamos. Essas alterações, que são na verdade novas possibilidades de se obter as informações ou de se relacionar, são resultado dos meios próprios ou individuais que os sujeitos desenvolveram pelo seu modo de interagir. Lemos (2002) chama este ato de absorção de uma cultura planetária. Essa cultura, acessada através das TICs, acabou por promover mudanças nos moldes da comunicação entre os sujeitos. O autor sustenta que, finalmente, pretende-se pleitear uma reforma no modelo de educação tradicional inserindo as novas tecnologias nos mais diferentes espaços e instâncias educacionais.

2.2. LETRAMENTO DIGITAL

Para abordarmos o tema: letramento digital, partiremos do conceito de letramento baseado na definição apresentada por Soares (1998, p. 18). A autora conceitua letramento como “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, é a condição que adquire um grupo social ou mesmo um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

Em suas colocações a autora reforça que letramento e alfabetização são termos que se diferem, pois, a alfabetização está diretamente ligada a compreensão do código e à combinação de símbolos ao seu signo, uma vez que o indivíduo alfabetizado conhece o signo, mas não quer dizer que consiga desenvolver, de forma competente, a leitura e a escrita. Na visão de Soares (1998), letramento possui uma definição bem mais abrangente do que a alfabetização, pois o letramento é um requisito daqueles que integram e são atuantes em uma sociedade letrada e utilizam a escrita e a leitura para interpretar e compreender a realidade em que vivem e a alfabetização é o conhecimento do código, essencial para o letramento.

Podemos dizer que Paulo Freire é um precursor do conceito de letramento no Brasil, pois esse autor ao falar sobre o processo de alfabetização discorre que ele se inicia com a leitura do mundo – do pequeno mundo onde os sujeitos estão inseridos

– do qual emerge a leitura da palavra (PICCOLI, 2010).

A concepção de *alfabetização* freireana é, portanto, um ato político, criador e de conhecimento que pode ser relacionada ao conceito de *letramento* em uma perspectiva sociológica, já que o entendimento crítico do ato de ler ultrapassa a decodificação da linguagem escrita, estendendo-se na compreensão do mundo e na ação política do ser humano na sociedade. Tal relação justifica o fato de Freire ser considerado o precursor de uma concepção brasileira de *letramento*, mesmo sem utilizar tal denominação (PICCOLI, 2010, p.261).

Uma outra abordagem do conceito de Letramento é apresentada por Soares (2002), quando ela afirma que existem diferentes modalidades de letramentos que inclusive causam diferentes efeitos na sociedade, resultando, assim, em um conceito plural de letramento:

[...] existem modalidades diversas de letramento o que sugere que a palavra seja pluralizada: há letramentos, e não letramento, isto é, “diferentes espaços de escritas e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos.” (SOARES, 2002, p.156).

Em relação às instituições de ensino, abrem-se oportunidades de diferentes abordagens pedagógicas que ultrapassam os limites físicos das mesmas, em vários aspectos, especialmente no que diz respeito a velocidade do próprio ato de ensinar e aprender. Ainda considera Soares (2002), que o ideal na fase inicial da escolarização seria “alfabetizar letrando”, assim, o sujeito teria de conhecer o código para ler e escrever em um nível social, cultural e político. Portanto, cada pessoa desenvolve essas habilidades individualmente, relacionadas, contudo, a estrutura a sua volta e isso será fundamental no contexto de sua aprendizagem.

Com relação ao **letramento digital**, essa autora declara:

[...] o cenário faz-se importante para que tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um letramento digital, isto é, um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel (SOARES, 2002, p. 151).

Infere-se, então, que existem diversos tipos de letramento. Sendo que Soares (2002) ressalta que o termo letramento digital é utilizado para referir-se ao aspecto da prática de leitura e escrita possibilitada pelo computador e pela internet. Assim, uma pessoa pode ter vários tipos e níveis de letramento, mas o termo letramento digital é

aplicado aos domínios das tecnologias digitais, da apropriação que um sujeito faz das ferramentas de comunicação disponíveis. Então, a alfabetização digital, por sua vez, é uma das etapas necessárias para o letramento digital, pois está diretamente ligada as habilidades iniciais dos usuários.

Masetto (2011) vai além e apresenta alguns recursos em ambientes digitais que os professores podem usar no processo de mediação pedagógica, os quais ele denomina de técnicas: teleconferência, *chat*, lista de discussão, correio eletrônico, CD-ROM, *PowerPoint* e a própria *internet*. O autor aponta estas práticas como formas de utilizações do LD no processo de construção do conhecimento e enfoca que toda e qualquer forma de comunicação que complemente a atividade do professor pode ser considerada como ferramenta tecnológica na busca pela excelência no processo ensino-aprendizagem. O autor diz que,

[...] os novos recursos tecnológicos são para ajudar o professor e cabe a ele perceber qual recurso deve, quando deve e como usar. As novas tecnologias exploram o uso de imagem, som e movimento simultaneamente e este movimento coloca professores e alunos ensinando e aprendendo a distância, discutindo, pesquisando, perguntando, comunicando informações por meio de recursos que permitem a esses interlocutores, vivendo nos mais longínquos lugares, encontrarem-se e enriquecerem-se com contatos mútuos. (MASETTO, 2011, p. 137).

Entendemos que os recursos digitais podem ser vistos não apenas como instrumentos de mediação do processo de aprendizagem, mas também como potencializadores da construção de sentidos. Masetto (2011) os considera como instrumentos potencializadores de multiletramentos, incluindo o letramento digital, no sentido de que o uso do computador e dos recursos digitais podem auxiliar na construção de sentidos e de significados no processo de aprendizagem.

Para isso, é indispensável “saber” utilizar os dispositivos midiáticos, como dispositivos móveis - celulares, tablets e computadores - a favor da construção dos conceitos, de forma significativa e relevante. Nesse sentido, Freitas (2010), denomina letramento digital como um conjunto de competências principais para o indivíduo compreender e usar a informação de modo crítico e estratégico, “dados vindos de fontes diversas e apresentado através do computador conectado à internet, sendo capaz de alcançar seus propósitos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente” (FREITAS, 2010, p. 339).

Em sua pesquisa, Flores (2013) define letramento digital apoiado nos autores utilizados na investigação e assim o caracteriza: “partimos do princípio de que o

letramento digital é o uso social e competente dos recursos tecnológicos digitais, com uma concepção de uso crítica e reflexiva. Não consideramos apenas a leitura e a escrita no contexto digital, mas os processos cognitivos envolvidos nessas ações” (FLORES, 2013, p.8).

Na concepção de Valentini e Soares (2011), o letramento digital está associado ao uso dos recursos tecnológicos digitais no meio social, de forma eficiente, atribuindo significado sobre o seu uso. Assim, o sujeito sendo letrado digitalmente, possui a capacidade de utilizar os recursos tecnológicos digitais como uma alternativa de perceber e de alterar a realidade na qual ele está inserido, mantendo uma atitude consciente enquanto cidadão. Dessa forma, ser letrado digitalmente significa mais do que simplesmente utilizar um computador ou navegar na internet, implica utilizar distintos recursos digitais significando suas ações, questionando o cenário digital e compreendendo suas limitações; que atribuem ações perpassantes à esfera mecânica ou tecnicista do uso, ganhando um contorno social, cultural e político.

Nesse enredo, as tecnologias digitais, além de instaurarem novas relações sociais, permitem a veiculação de informações em rede e apontam a necessidade de sabermos o que fazer com estas informações. Tais tecnologias na comunicação, possibilitam a articulação de diferentes modos de enunciação (verbal, visual e sonora) na tela do computador. Nessa direção, percebemos que a apropriação do letramento digital se apresenta como uma necessidade educacional em que especialmente os professores precisam desenvolver estratégias pedagógicas eficazes em seus mais variados espaços educacionais – salas de aula e laboratório de informática, por exemplo – para enfrentar os desafios que estão colocados: alfabetizar, letrar e letrar digitalmente o maior número de sujeitos, preparando-os para atuar adequadamente na sua área. Sampaio e Leite (1999, apud Duran, 2008) afirmam que isto é:

[...] um processo contínuo que envolve não apenas o domínio das tecnologias em si, mas fundamentalmente uma postura crítico-reflexiva diante das possíveis necessidades e perspectivas de utilização tecnológica dentro e fora da escola (DURAN, 2008, p.52).

O letramento digital pode ser desenvolvido e aprimorado através de uma formação continuada, pois, fazendo uso das ferramentas tecnológicas no seu cotidiano, tanto os docentes quanto alunos poderão desenvolver habilidades para fazer uso relevante e com sentido desses recursos em seu fazer.

Considerando que as práticas de letramento digital envolve o domínio de

informações e conhecimento das tecnologias digitais para que ela possa ser utilizada de forma competente na sociedade tecnológica contemporânea, elas podem oferecer inúmeras possibilidades para o professor, a fim de que a inserção digital aconteça a favor da prática educativa.

No contexto educacional, segundo Soares (2004), os eventos e práticas de letramento digital precisam ser planejados e organizados por critérios pedagógicos, com intencionalidade. Os eventos e práticas de letramento digital na esfera pedagógica “automatizam as atividades de leitura e de escrita em relação a suas circunstâncias e usos sociais, criando seus próprios e peculiares eventos e suas próprias e peculiares práticas de letramento” (SOARES, 2004, p. 107).

O letramento digital ainda refere-se ao fato de o indivíduo ser capaz de utilizar as tecnologias de comunicação e informação em favor de interesses próprios ou coletivos, com responsabilidade. Freitas (2010, p. 339) denomina letramento digital como um conjunto de competências principais para o indivíduo compreender e usar a informação de modo crítico e estratégico, “dados vindos de fontes diversas e apresentado através do computador conectado à internet, sendo capaz de alcançar seus propósitos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente”.

Soares (2002) afirma que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita, resultando em diferentes letramentos. Buzato (2006) toma o letramento digital como prática social, culturalmente constituída, em que conjuntos de letramentos a partir de dispositivos digitais se apoiam, se entrelaçam e apropriam mútua e continuamente. Esses autores se apoiam, então, não em um único letramento, mas em vários letramentos.

Fundamentado nessas ideias entendemos o letramento digital como a capacidade que o indivíduo desenvolve para utilizar as tecnologias digitais de forma a dar sentido, de maneira crítica e com significado às ações realizadas por meio de recursos digitais.

2.3. AVAS - AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Um prática que pode potencializar o desenvolvimento do Letramento Digital é a utilização de AVA - Ambientes Virtuais de Aprendizagem. O seu conceito pode ser compreendido como plataforma digital hospedada na internet, cujo objetivo é suportar e servir de meio para que a dinâmica pedagógica aconteça. Essas plataformas digitais oferecem uma associação de tecnologias de informação e comunicação que permitem realizar as atividades no tempo, no espaço e na velocidade de cada participante. Eles podem ser utilizados em: atividades presenciais, oferecendo possibilidades aumentar o convívio para além da sala de aula; em atividades semipresenciais e nas atividades à distância; conferindo apoio para a comunicação e troca de informações e interação entre os participantes, como dito por Moraes (2002): “[...] em qualquer situação de aprendizagem, a interação entre os participantes é de extrema importância. É por meio das interações que se torna possível a troca de experiências, o estabelecimento de parcerias e a cooperação” (MORAES 2002, p. 2013).

O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), para Bassani (2006), é uma plataforma, site ou ambiente na internet cujas ferramentas são elaboradas para propiciar um processo de aprendizagem mediante trocas entre os participantes e incentivando o trabalho cooperativo em ambiente virtual. Estas relações estabelecidas para a construção do conhecimento, conforme se posicionam Rostas e Rostas (2009), permite que ocorra no AVA o compartilhamento dos mais diversos tipos de experiências realinhando conceitos relacionados ao ensino e aprendizagem.

[...] ambiente virtual de aprendizagem, representa a sala de aula online, e um conjunto de interfaces, ferramentas e estruturas decisivas para a construção da interatividade e da aprendizagem. É importante ressaltar que o ele (?) favorece a interatividade e a conexão de teias abertas que formam a trama das relações (ROSTAS E ROSTAS, 2009, p.139).

Para Almeida (2003), o ensino e a aprendizagem mediado por ambientes virtuais requer planejamento, e por este motivo existe uma preocupação em sugerir atividades que possam propiciar o desenvolvimento significativo do aluno. Sendo assim, o professor mediador deverá disponibilizar materiais de apoio e até instruções para a utilização das diversas mídias. Este é o papel do mediador, orientar o aluno, e incentivar a pesquisa em diferentes fontes de informações e experimentações, além de provocar reflexão sobre o desenvolvimento do processos e favorecer a

formalização de conceitos.

Santos e Silva (2003), acrescenta que:

[...] não basta apenas criar um site e disponibilizá-lo no ciberespaço. Por mais que o mesmo seja hipertextual é necessário que seja interativo. É a interatividade com o conteúdo e com seus autores que faz um site ou software se constituir como um AVA. Para que o processo de troca e partilha tenha sentido e possa ser efetivo, poderemos criar interfaces síncronas a exemplo dos chats ou salas de bate papos e assíncronas a exemplo dos fóruns e listas de discussão. Podemos contar também com os blogs que, além de permitir comunicação síncrona e assíncrona, agregam em seu formato hipertextual uma infinidade de linguagens e forma de expressão (SANTOS e SILVA, 2003, p. 9).

2.4. FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO SUPERIOR

O ensino superior precisa acompanhar as grandes mudanças no cenário educacional, em especial no período pós internet, período concomitante com o crescimento do número de alunos, que segundo Silva (2001), desafia o professor a modificar a sua forma de comunicação. A formação continuada de professores do ensino superior, também entendida como continuidade da formação profissional, tem possibilidades de promover novas reflexões e aprimorar a atuação efetiva do profissional da educação.

O aumento do número de pessoas interessadas em cursar uma graduação ou dar continuidade aos estudos com qualificações na sua profissão, vem se ampliando devido a facilidade de acessar à internet e as variadas opções de cursos oferecidas na modalidade EAD pelas instituições.

Pino (2012), diz que:

(...) a presença das TIC no âmbito pedagógico se tornava uma realidade inquestionável não somente nas relações estabelecidas entre professores e alunos nas salas de aula presenciais, como também nas práticas educacionais à distância. A frequência cada vez mais constante de tais tecnologias nas instituições e práticas escolares espelha, na verdade, o modo como a própria tecnologia se espalha para todas as dimensões do mundo da vida (PINO, 2012, p.967).

As demandas da cultura digital exigem uma formação educacional que viabilize ao estudante uma preparação que lhe assegure características como: autonomia, reflexão e crítica. Desta forma, aprenderá a perceber e transformar o mundo em que vive. Já o professor precisa acreditar nas suas potencialidades e desenvolver seu lado criativo para que a sua prática pedagógica seja atraente e interessante, por isso, não basta somente conhecer as tecnologias digitais, é preciso

saber usá-las de maneira que agreguem, de fato, conhecimento.

São muitos os desafios que se apresentam para o docente do ensino superior:

Além do domínio de uma série de saberes, o professor universitário contemporâneo, atua como docente na chamada era do conhecimento, na qual a informação surge em grande volume e alta a velocidade o que aumenta as exigências em relação a este professor sobre o domínio das tecnologias da informação presentes de forma especial na vida dos jovens estudantes (PEREIRA E DOS ANJOS, 2014, p.8).

Buzato (2007) entende que uma peça indispensável na formação do docente é o letramento digital, porém, com ações mais profundas do que somente aprender a utilizar as ferramentas, mas sim o aprendizado de práticas que desenvolvam a competência crítica do professor ou dos futuros professores. O autor percebe a real necessidade de se voltar a atenção para o letramento digital e com certa urgência no atual cenário.

Analisando o contexto, poderá o professor propor aos alunos práticas pedagógicas que promovam a interação, como uma maneira de desenvolver seus potenciais para a construção do conhecimento. A interação neste caso, refere-se ao uso dos computadores e dos dispositivos móveis de modo que o aproveitamento dessas TDs - tecnologias digitais - possa ser um elo nos processos de ensino e aprendizagem. É desta forma que veremos o quanto o LD pode auxiliar nas práticas pedagógicas no ensino superior.

Nesse cenário, o professor está sendo constantemente desafiado. Assim, salienta Silva (2001),

É preciso enfatizar: o essencial não é a tecnologia, mas um novo estilo de pedagogia sustentado por uma modalidade comunicacional que supõe interatividade, isto é, participação, cooperação, bidirecionalidade e multiplicidade de conexões entre informações e atores envolvidos. Mais do que nunca o professor está desafiado a modificar sua comunicação em sala de aula e na educação. Isso significa modificar sua autoria enquanto docente e inventar um novo modelo de educação. Como diz Edgar Morin, "Hoje, é preciso inventar um novo modelo de educação, já que estamos numa época que favorece a oportunidade de disseminar um outro modo de pensamento". A época é essa: a era digital, a sociedade em rede, a sociedade de informação, a cibercultura. (SILVA 2001, p.15).

É sob essa vertente na qual nasce a oportunidade de disseminar outros modos de pensar que se fortalece o papel do professor, como mediador no processo de ensino e aprendizagem. As informações chegam a todo momento, e não há como

manter uma inércia perante as mídias e o desenvolvimento das TICs. Lévy (2011) salienta a importância da diversificação das mídias para os jovens, e dá como exemplo os livros a disposição no mercado que disponibilizam jogos para computador, vídeos e filmes tudo em um kit. De acordo com o autor, a internet está transformando os leitores em um público mais exigentes, que sente necessidade de interagir, e por este motivo, manifesta uma postura ativa frente às informações que recebe.

Nessa perspectiva, o professor no ensino superior pode propor aos alunos práticas pedagógicas que possibilitem a interação, como forma de desenvolver seus potenciais para a construção do conhecimento. Kenski (2012) e Lévy (2011) enfatizam que ensinar de forma articulada utilizando as TICs a seu favor é o maior desafio dos professores na era digital, pois, a utilização das tecnologias no cotidiano acaba influenciando o comportamento e até o modo de pensar, resultando em consideráveis transformações na maneira de aprender e também de se relacionar com o mundo.

Kenski (2012), quando se refere a instituição educacional, foca na capacidade do docente – enquanto mediador - identificar a utilidade de cada tecnologia disponível em seu ambiente de ensino e aprendizagem para adequá-la da melhor forma as suas práticas pedagógicas. Assim, o professor se estabelece como mediador e a instituição de ensino segue sendo um espaço de trocas na qual novas aprendizagens, novas pedagogias, um novo professor e alunos são possíveis de serem pensados num contexto de intensas transformações advindas da cultura digital. Estar preparado para isso é um dos desafios atuais da docência.

Para finalizar o quadro teórico da pesquisa que envolve os tópicos tratados, quais sejam, Educação na cultura digital, Letramento digital, Ambiente virtual de aprendizagem, Formação de professores para o ensino superior e práticas de LD, retomamos alguns aspectos nos quais organizamos a nossa base teórica para este estudo. Entendemos que a formação educacional de um indivíduo é um processo longo e nesta caminhada o professor, devido ao seu envolvimento direto com os alunos, assume também o papel de aprendiz. Por este motivo, é preciso respeitar a relação de colaboração e desenvolver uma maneira de compreender a lógica de funcionamento do ensino e da aprendizagem para que surjam ações concretas de transformação de ambas as partes.

Considerando as práticas de LD pontuamos a colocação de Bawden (2008), quando seleciona os seguintes tópicos para caracterizar segundo seu entendimento, as competências essenciais para ser um Letrado Digital; são elas, saber pesquisar na

internet, conhecer um hipertexto, compreender a navegação na rede e saber avaliar o conteúdo. Segundo o autor estas competências possibilitam mudanças de postura e de consciência, além de permitirem que façamos escolhas pelo fato de ser uma ferramenta de muito valor em nossas mãos.

Em plena Era do Conhecimento, na qual inclusão digital e sociedade da informação são termos cada vez mais frequentes, o ensino não poderia se esquivar dos avanços tecnológicos que se impõem ao nosso cotidiano (PEREIRA, 2007, p. 13).

O aporte teórico de Pereira (2007) refere-se que, para o professor colaborar com o aluno na construção de um conhecimento produtivo em relação ao uso das TICs, tanto ele, o professor, quanto esse aluno precisam saber utilizar essas ferramentas de forma produtiva. Para tanto, o autor considera que o ambiente propício para isso é a instituição de ensino, onde o docente enfrenta o desafio de formar profissionais da educação e cidadãos preparados para o mundo contemporâneo.

O fato de o indivíduo estar preparado nos remete as colocações de Behrens (2002), que menciona a formação de professores para o ensino superior e trata da importância deste profissional entender-se como professor reflexivo. Para o autor, é importante desenvolver a autonomia na sua forma de ensinar, levando em consideração que está sujeito as imposições externas da sua sala de aula. Desta forma, percebendo o meio em que vive, passará a agir de forma consciente e de acordo com a realidade na qual está inserido. Assim, levando essas considerações para as instituições de Ensino Superior que é o nosso foco de estudo, vemos a reflexão como fator de fundamental importância no posicionamento dos professores universitários.

Porém em contraponto, a falta desta reflexão na formação dos professores que atuam no Ensino Superior, segundo Behrens (2002), é uma das grandes preocupações atuais, especialmente em cursos nos quais os docentes são os responsáveis pela formação dos futuros professores de crianças e jovens e isso representa um comprometimento com a qualidade da educação.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Para responder à pergunta de pesquisa que busca entender como acontecem as práticas de LD em AVA no ensino superior, foi gerado um *corpus* de pesquisa com base em textos de trabalhos científicos. Será apresentada a seguir a trajetória metodológica e o tratamento realizado.

Optamos por uma pesquisa bibliográfica por ser esse caminho desenvolveremos um diálogo com os autores que estudaram o tema em questão, colocando-nos em contato com o que foi produzido sobre o assunto tornando-se:

[...] um movimento incansável de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, de questionamentos e de interlocução crítica com o material bibliográfico que permite, por sua vez, um leque de possibilidades na apreensão das múltiplas questões que envolvem o objeto de estudo. (LIMA E MIOTO, 2007, p. 44).

A pesquisa bibliográfica ultrapassa um simples agrupamento de informações abordadas na bibliografia fonte, mas precisa conter em seu desenvolvimento a participação crítica do pesquisador, possibilitando a compreensão e ampliação das questões relacionadas com o objeto de estudo para que haja uma problematização do projeto de pesquisa a partir de referências publicadas, analisando e discutindo as contribuições culturais e científicas.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Em relação à forma de abordagem, esta pesquisa tem natureza qualitativa. Segundo Neves (1996), a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados.

3.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO: PERSPECTIVA DE ORGANIZAÇÃO

A fim de analisar o *corpus* da investigação nos baseamos na análise de conteúdo, uma técnica, para analisar diferentes fontes de determinados assuntos, neste caso, o que foi observado pelo pesquisador. A análise de conteúdo alcançou popularidade a partir da autora Bardin em 1977, que ressaltou a importância do rigor na utilização da análise de conteúdo, a necessidade de superar as dúvidas e descobrir o que é questionado. Tendo em vista a problemática exposta, este estudo pretende fazer uso objetivamente e de forma sistemática, da aplicação da técnica de análise de conteúdo, cuja natureza define-se por qualitativa.

Na análise do material foi realizado um tratamento do corpus, gerando categorias que formaram a base para a compreensão do que está por trás dos resultados dos estudos escolhidos. Optamos pela análise de conteúdo de Bardin (2011), para analisar o corpus de estudo, que é uma técnica popularizada por Bardin no ano de 1977, por meio da obra a *L'analyse de contenu* definida como método empírico, que teve grande impacto no Brasil. Segundo a autora, “análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados”. BARDIN (2011, p.15). As etapas dessa análise são as seguintes:

- 1) pré-análise,
- 2) exploração do material,
- 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A primeira fase, **pré-análise**, é desenvolvida para sistematizar as ideias iniciais colocadas pelo quadro referencial teórico e estabelecer indicadores para a interpretação das informações coletadas. A fase compreende a leitura geral do material eleito para a análise. De forma geral, efetua-se a organização do material a ser investigado, tal sistematização serve para que possamos conduzir as operações sucessivas de análise. Sendo que esta fase compreende:

- a) Leitura flutuante: é o primeiro contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer os textos a serem analisados;
- b) Escolha dos documentos: consiste na definição do *corpus* de análise;
- c) Formulação das hipóteses e objetivos: a partir da leitura inicial dos dados;

- d) Elaboração de indicadores: a fim de interpretar o material coletado;

Segundo Bardin (2011), a escolha dos dados a serem analisados, devem seguir a orientação das seguintes regras:

- I) **Exaustividade:** refere-se à deferência de todos os componentes constitutivos do *corpus*. Bardin (2011) descreve essa regra, detendo-se no fato de que o ato de exaurir significa não deixar fora da pesquisa qualquer um de seus elementos, sejam quais forem as razões.
- II) **Representatividade:** no caso da seleção um número muito elevado de dados, pode efetuar-se uma amostra, desde que o material a isto se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial.).
- III) **Homogeneidade:** os documentos retidos devem ser homogêneos, obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora dos critérios.
- IV) **Pertinência:** significa verificar se a fonte documental corresponde adequadamente ao objetivo suscitado pela análise, ou seja, concorde com o que se propõem o estudo.

A seguir a primeira fase da análise de conteúdo de acordo com as regras descritas na obra de Bardin (2011).

3.2 O *CORPUS* DA PESQUISA

A seleção dos documentos que formam o *corpus* desta pesquisa representou a base para responder o problema em questão, **“como acontecem as práticas de letramento digital no ensino superior em contextos que utilizam ambientes virtuais de aprendizagem para mediar os processos educativos?”**

Para tanto, buscamos artigos, dissertações e teses no acervo de periódicos do Portal de Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior – CAPES e acervo da Universidade de Caxias do Sul UCS, publicados nos últimos 7 anos (2010 à 2017).

Definidos os seguintes descritores de busca 1. Educação na cultura digital, que resultou em 103 documentos: (12 teses, 78 dissertações e 13 artigos); 2. Letramento digital, que resultou em 128 documentos: (22 teses, 84 dissertações, 21 artigos e 1 monografia); 3. Práticas de Letramento Digital, que resultou em 64 documentos: (04 teses, 52 dissertações e 08 artigos); 4. Ambiente virtual no ensino superior, que resultou em 104 documentos: (08 teses, 85 dissertações e 11 artigos); 5. Formação docente no ensino superior, que resultou em 66 documentos: (52 teses e 14 artigos). Entre dissertações, teses, monografia e artigos selecionamos 16 textos que possuíam relação com o tema da pesquisa. O recorte da data foi utilizado em todos os descritores. A pesquisa com os resultados e os descritores da busca estão no quadro a seguir:

Quadro 1: Descrição quantitativa das teses, dissertações e artigos encontrados:

DESCRITORES	TESES	DISSERTAÇÕES	ARTIGOS	QUE POSSUEM RELAÇÃO COM O TEMA DESSA PESQUISA
1. Educação na cultura digital	12	78	13	2 artigos
2. Letramento digital	18	84	21	02 artigos, 01 dissertação, 02 teses, 1 monografia
4. AVA no ensino superior	08	85	11	2 artigos
5. Formação docente no Ensino superior	0	52	14	3 artigos, 1 dissertação
3. Práticas de Letramento digital	04	52	08	02 artigos
				16 textos encontrados

Fonte: Elaborado pela autora como base nos dados levantados em outubro/2017

Através dos descritores que resultaram em teses, dissertações e artigos, foi realizada uma leitura dos títulos para identificar os textos que tinham alguma referência com a temática. Então, passamos para a leitura dos resumos quando comparamos se o objetivo do documento se aproximava do objetivo dessa pesquisa. Após realizar a seleção por meio dos resumos, foram lidos os textos selecionados, que são apresentados nos quadros 2, 3, 4 e 5, a seguir:

Quadro 2 – Produções relacionadas a: Educação na cultura digital

Data	Origem	Título	Autor	Objetivo da Pesquisa
T2 Dez. 2016 Artigo	Publicado em: Educação: Revista do Centro de Educação UFSM, 01/12/2016, Vol.41(3), pp.579-592	Letramento digital na formação inicial de professores: a visão de graduandos de pedagogia EaD	Suzana Dos Santos Gomes	Elucida as mudanças ocorridas no campo da educação brasileira e o impacto causado pelas tecnologias, bem como a importância do letramento digital na formação docente.

Fonte: Autora, 2018.

Quadro 3 – Produções relacionadas a: Letramento Digital

Data	Origem	Título	Autor	Objetivo da Pesquisa
T3 2016 Artigo	http://periodicos.let.ras.ufmg.br/index.php/texto_livre Volume: 9 – Número: 1 ISSN 1983-3652 DOI:10.17851/1983-3652.9.1.94-107	O conceito de letramento digital e suas implicações pedagógicas	Mariana Vidotti de Rezende	O objetivo do artigo é saber em que medida as concepções de letramento e de letramento digital interferem no ensino e aprendizagem. O Estudo quer saber de que maneira o LD contribui para pensar a educação na atualidade

- continua

<p>T4</p> <p>2015</p> <p>Artigo</p>	<p>Hipertexto E núcleo de estudos de hipertexto E tecnologia educacional (UFPE)</p>	<p>Letramento digital e ensino</p>	<p>Antônio Carlos dos Santos Xavier</p>	<p style="text-align: right;">- continuação</p> <p>O artigo procura refletir sobre o mais recente desafio pedagógico que se coloca para educadores e linguistas: letrar digitalmente uma nova geração de aprendizes, que estão vivenciando os avanços das tecnologias de informação e comunicação.</p>
<p>T5</p> <p>2013</p>	<p>Defesa: 2013-04-16 Instituição: Universidade de Caxias do Sul Programa/Curso: Programa de Pós-Graduação em Educação</p> <p>Dissertação</p>	<p>Letramento digital na formação superior do professor de matemática na modalidade a distância</p>	<p>Flores, Jerônimo Becker</p>	<p>O objetivo é sobre o desenvolvimento de práticas de letramento digital no processo de ensino e aprendizagem. Apontam norteadores para a organização de práticas educacionais passíveis de promoverem o letramento digital no seu processo de ensino e aprendizagem.</p>
<p>T6</p> <p>2016</p>	<p>Monografia submetida ao Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Especialista em Educação na Cultura Digital.</p> <p>Monografia</p>	<p>A importância do letramento digital na escola e na sociedade e os seus diferentes conceitos</p>	<p>Cristiane Vizentin</p>	<p>Dentro dessa perspectiva, a relação entre professores e alunos, assume um novo formato, que se estabelece pela interação entre os sujeitos, estruturas e tecnologias. O estudo realizado caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, tendo como base os temas: Letramento Digital, Alfabetização, Letramento e Tecnologia na Educação. - continua</p>

T7 2011	Defesa Dez.2011 Pós-Graduação educação UFMG Tese de doutorado	Letramento Digital em contexto de autoria na internet.	Zulmira Medeiros	- Continuação Investiga a constituição de uma prática discursiva entre educadores em processo de formação inicial em AVA. Busca relações entre Autoria e LD.
T8 2014	Defesa Dez 2014 Pós-Graduação linguística UF Ceará Tese Doutorado	Tecnologia Educacional e LD: um estudo de caso de vários contextos de uma escola pública	Eliúde Costa Pereira	Investiga a inserção do LD com uso do computador e internet no âmbito de práticas em uma escola. Objetiva o desenvolvimento do LD

Fonte: Autora, 2018.

Quadro 4 - Produções relacionadas a: Ambientes virtuais de aprendizagem

Data	Origem	Título	Autor	Objetivo da Pesquisa
T9 2015 Artigo	Publicado Revista Ibero- americana Educación 2015, Vol.69(3), pp.9-26	Ambientes Virtuais de aprendizagem no ensino Superior presencial: análise de um caso bem- sucedido de Difusão da tecnologia	Thomé De O liveira, Daniel; Nogueira Cortimiglia, Marcelo	Apresenta o crescente interesse pela utilização de Ambientes Virtuais de Aprendizagem no ensino presencial, também cresce a necessidade de compreende r de que forma tal tecnologia se difunde neste contexto. A presente pesquisa teve por objetivo identificar e compreender os mecanismos que facilitaram a difusão dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem.
T10 2013 Artigo	Publicado: Revista CB Economia De Santa Ca Catarina, 2013, Vol.18(2), pp.884- 900	Diretrizes para a gestão da informação em ambientes virtuais de aprendizagem	Felipe, André Anderson Cavalcante	O objetivo é saber como se pode facilitar o acesso à informação em ambientes virtuais de apr endizagem (AVAs) na promoção do conhecimento no ensino superior brasileiro.
T11 2017	Publicado: EEGE Revista Gestão, July- Sep.2017, Vol.2, pp.247- 255	Tecnologias da informação e comunicação como inovação no ensino superior presen cial: uma análise das variáveis que influenciam na sua adoção.	Caliari, Ketter Valeria Zuchi ;Zilber, Moisés Ary ; Perez, Gilberto	O artigo tem como objetivo geral identificar as variáveis que contribuem para a inovação tecnológica no ambiente virtual de aprendizagem – AVA/Web aula.

Fonte: Autora, 2018.

Quadro 5 - Produções relacionadas a: Formação de professores para o ensino superior

Data	Origem	Título	Autor	Objetivo da Pesquisa
T13 2012 Artigo	Educação em Revista Belo Horizonte v.26 n.03 p.335-352 dez. 2012	Letramento digital e formação de professores	Maria Teresa Freitas	Como os professores são preparados para a inserção dessas tecnologias em suas práticas pedagógicas e para compreenderem o letramento digital de seus alunos. O professor na era da internet, em seu lugar insubstituível de mediador e problematizador do conhecimento.
T14 Maio/ago. 2014 Artigo	Conjecturas, 14, n. 2, UCS	Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever?	Gislaine Gracia Magnabosco	Este trabalho se propõe a discutir algumas transformações que a internet trouxe para a relação leitura-escrita e como os gêneros digitais poderiam ser utilizados visando a um ensino de leitura mais crítico e a uma produção de texto mais contextualizada. Para tal, enfatiza-se a importância do desenvolvimento de um letramento digital que capacite professores e alunos na utilização dessas ferramentas midiáticas de forma que essas possam ser um instrumento interativo de escrita-leitura.

- continua

<p>T15</p> <p>Mar/j un.</p> <p>2013</p> <p>Artigo</p>	<p>Educ. foco, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 105-126.</p>	<p>Docência online no ensino Superior: saberes docentes e Formação continuada</p>	<p>Marco Silva Sheilane Brito</p>	<p style="text-align: right;">- continuação</p> <p>Não basta o professor ser um incluído digital, ter acesso e saber usar o computador conectado à internet para lecionar via <i>web</i>. Ele precisa desenvolver e construir saberes docentes para a especificidade do meio <i>online</i>. Neste sentido, há um crescente investimento em pesquisas que visam propiciar descobertas importantes para a formação da docência via internet. Descobertas capazes de reinventar uma prática docente.</p>
<p>T16</p> <p>2012</p>	<p>Pós- Graduação Educação UF Juiz de Fora Dissertação</p>	<p>Práticas de LD na formação de professores: um desafio. Contemporâneo</p>	<p>Mariana Henrichs Ribeiro</p>	<p>Busca compreender como práticas de LD são trabalhadas nos cursos de pedagogia pelas docentes com os professores em formação.</p>

Fonte: Autora, 2018.

Quadro 6- Produções relacionadas a: Práticas de Letramento Digital

Data	Origem	Título	Autor	Objetivo da Pesquisa
T12 2011 Artigo	ETD – Educ. Tem. Dig. Campinas, v.13, n.1, p.27-43, jul./dez. 2011 – ISSN 1676- 2592	Tecnologias e letramento digital: navegando rumo aos desafios	Ivanda Martins Silva	Discute a inserção das tecnologias na escola e apresenta contribuições para repensar o planejamento didático, considerando a diversidade de recursos tecnológicos que os professores podem utilizar na organização de situações de aprendizagem que levem o aluno a aprimorar as práticas de letramento digital. Ensinar com e para o uso crítico das tecnologias.
T1 Dez. 2010 Artigo	Educação em Revista Belo Horizonte v.26 n.03 p.335-352	Letramento digital e educação superior: um estudo sobre as práticas de letramento digital de professores universitários	Elson Marcolino da Silva	Saber quais são e como são desenvolvidas as práticas de letramento digital por meio do computador e da internet dos docentes universitários.

Fonte: Autora, 2018.

Para melhor nos localizarmos em relação as colocações dos autores dos textos selecionados para compor o *CORPUS* da pesquisa, realizamos uma codificação que usaremos, quando nos referirmos a estes trabalho durante a análise. Levamos em consideração o T de “texto” com a numeração que o identifica nos quadros, seguido do título:

T1 = Letramento digital e educação superior: um estudo sobre as práticas de letramento digital de professores universitários.

T2 = Letramento digital na formação inicial de professores: a visão de graduandos de pedagogia EaD.

T3= O conceito de letramento digital e suas implicações pedagógicas.

T4= Letramento digital e ensino.

T5= Letramento digital na formação superior do professor de matemática na modalidade a distância.

T6 = A importância do letramento digital na escola e na sociedade e os seus diferentes conceitos.

T7 = Letramento Digital em contexto de autoria na internet.

T8= Tecnologia Educacional e LD: um estudo de caso de vários contextos de uma escola pública.

T9= Ambientes Virtuais de aprendizagem no ensino Superior presencial: análise de um caso bem-sucedido de Difusão da tecnologia.

T10 = Diretrizes para a gestão da informação em ambientes virtuais de aprendizagem.

T11= Tecnologias da informação e comunicação como inovação no ensino superior presencial: uma análise das variáveis que influenciam na sua adoção.

T12 = Tecnologias e letramento digital: navegando rumo aos desafios.

T13 = Letramento digital e formação de professores.

T14 = Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever?

T15 = Docência online no ensino Superior: saberes docentes e Formação continuada.

T16 = Formação de professores: um desafio. Contemporâneo.

Na sequência apresentamos o procedimento da análise de conteúdo para responder questão da investigação.

3.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Para realizar esse estudo, foi feita uma seleção de textos científicos que forneceram dados e informações que formaram o corpus de análise para elaboração de uma resposta para a pergunta proposta: **“como acontecem as práticas de letramento digital no ensino superior em contextos que utilizam ambientes virtuais de aprendizagem para mediar os processos educativos?”**

Para isso foram realizados os passos previstos pela análise de conteúdo, que nos levou a codificação, revelada através da repetição de ideias e palavras, constituindo-se em unidades de registro.

Em seguida, as unidades de registro foram identificadas e agrupadas de acordo com os temas correlatos para formarem às categorias iniciais. No passo seguinte, as categorias iniciais foram agrupadas tematicamente, originando as categorias intermediárias e estas, foram articuladas em função da ocorrência dos temas nos textos analisados para assim formarem as categorias finais. Ou seja, os textos que formaram o *corpus* de pesquisa foram recortados em unidades de registro (palavras, frases e parágrafos), que foram agrupadas tematicamente em categorias, e da articulação entre essas, seguiram as inferências que constituirão a resposta da pergunta de pesquisa. Os quadros que seguem representam esse processo.

Segue na próxima página.

Quadro 7 – Codificação dos documentos

A codificação abaixo apresenta os recortes relacionados as expressões-chave constantes nos textos analisados:

Letramento Digital	<ul style="list-style-type: none"> - Tecnologia digital – habilidade técnica - Ciberespaço – sociedade da informação - Comunicação – cultura digital – cibercultura - Avaliação da informação – competência
Ambiente virtual de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - Ferramentas tecnológicas – suporte - Gestão do AVA – promoção da interação - Possibilidade de imersão – comunicação - Conteúdos – textos colaborativos
Atuação docente	<ul style="list-style-type: none"> - Mediação – redescoberta do papel - Processo educativo em transformação - Importância do letramento digital - Habilidade com eletrônicos (Hardware e Software)
Ensino Superior	<ul style="list-style-type: none"> - Ampliação do raciocínio lógico - Linguagem digital – pedagogo criativo - Emissores e receptores de informação - Mediação on line – pelo computador
Práticas de Letramento Digital	<ul style="list-style-type: none"> - Práticas de Letramento Digital - Influência na educação – mídia digital - Aprendizagem –ganho de produtividade - Ampliação da inteligência coletiva

Fonte: Autora, 2018

Segue na próxima página.

Quadro 8 – Categorização dos códigos

Categoria	Sub categoria (Norteadores Teóricos)
1. Atuação docente em ambiente virtual de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - Processo educativo em transformação - Redescoberta do papel de educador - Habilidade e competência com o AVA - Atividades educacionais em AVA - Ciberespaço - Cultura digital e cibercultura
2. Práticas de Letramento Digital no Ensino Superior	<ul style="list-style-type: none"> - Práticas de letramento digital - Habilidades com tecnologias digitais - Influência da mídia digital na educação - Capacidade de comunicação virtual - Avaliação da informação - fonte - Capacidade de comunicação ampliada pelas tecnologias digitais.

Fonte: Autora, 2018

Nos quadros a seguir descrevemos os norteadores teóricos que foram considerados a partir da definição das categorias e seus descritores.

Segue na próxima página.

Quadro 9 – Norteadores teóricos e descritores da categoria: Atuação docente em ambiente virtual de aprendizagem

Categoria	Norteadores Teóricos	Descritores
Atuação docente em ambiente virtual de Aprendizagem	Processo educativo em transformação	Cabe aos educadores analisar as tendências mundiais de integração e convergência de tecnologias, construir referências conceituais que permitam compreender criticamente as contribuições da incorporação de tecnologias à educação. (ALMEIDA 2009, p. 76)
	Redescoberta do papel de educador	É necessário redescobrir o papel de educador e repensar a educação em seus fundamentos para o uso da tecnologia. (BUZATO 2007)
	Habilidade e Competência com o AVA	A capacidade de realizar buscas em AVA, necessita de competências e habilidades de Letramento Digital. (RIBEIRO E COSCARELLI, 2005)
	Atividades educacionais em AVA	A utilização do AVA tem se apresentado cada vez mais nas atividades educacionais, seja como apoio a educação presencial seja na esfera da educação online. (NEVES, 2011)
	Ciberespaço	“Vemos hoje a formação de uma estética do social que se espalha sob nossos olhos, nutridas pelas tecnologias do ciberespaço.” (LEMOS 2010 p. 15-16).
	Cultura Digital – Cibercultura	Cultura Digital, também entendida como a Cibercultura, modifica hábitos sociais e educacionais, práticas culturais, ritmo de produção e distribuição de informações. (LEMOS, 2007)

Fontes: Almeida (2009), Buzato (2007), Ribeiro e Coscarelli (2010), Neves (2011), Lemos (2010) e (2007).

Quadro 10 – Norteadores teóricos e descritores da categoria: Prática de Letramento Digital no Ensino Superior

Categoria	Norteadores teóricos	Descritores
Práticas de Letramento Digital no Ensino Superior	Práticas de Letramento Digital	O que reformula continuamente o letramento digital e sua prática é a constante atualização da informação. Isso ocorre devido a acessibilidade que a altera e dissemina em um curto espaço de tempo. (RAMAL, 2002)
	Habilidades com tecnologias digitais	O LD está relacionado a habilidade com os recursos das tecnologias digitais, de forma a atribuir sentido e significado ao seu uso. (VALENTINI E SOARES, 2011)
	Influência da mídia digital na educação	A atuação humana no meio digital e a influência da mídia digital na educação fomenta a cultura digital (LEVY, 1999)
	Capacidade de comunicação virtual	O sujeito letrado digitalmente tem a possibilidade de questionar informações vindas da WEB devido a sua capacidade de comunicação virtual (XAVIER, 2002)
	Avaliação da informação - fonte	Um entrave que nasceu com a internet é o Cibercrime que envolve qualquer prática ilícita na rede e o cyberbullying, por isso a importância da avaliação da fonte. (OLIVEIRA, 2009)
	Capacidade de comunicação ampliada pelas tecnologias digitais.	Nativos digitais, estão cercados de TICs, portanto tem a sua capacidade de comunicação ampliada pelas TDs. (PRENSKY, 2001)

Ramal (2002), Valentini e Soares (2011), Lemos (2002), Xavier (2002) Oliveira (2009) e Prensky (2001).

4 ANÁLISE DO *CORPUS*:

Neste capítulo buscamos, não apenas apresentar uma resposta para o problema de pesquisa, mas alcançar compreensões mais amplas sobre o tema estudado. No procedimento de análise do *corpus*, construímos duas categorias principais: **Atuação docente em ambiente virtual de aprendizagem e Práticas de Letramento digital no ensino superior**, as quais passamos a apresentar a seguir.

4.1 ATUAÇÃO DOCENTE EM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Esta categoria está relacionada aos seguintes norteadores teóricos: processo educativo em transformação, a redescoberta do papel de educador, habilidades e competências para desenvolver atividades educacionais em AVA.

Processo Educativo em Transformação

Levamos em consideração as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, na qual as instituições de ensino são questionadas quanto ao seu papel social e são cobradas diariamente em relação a postura do educador. Exigem um novo modelo de profissional, mais flexível, capaz de pensar e aprender regularmente, que atenda às necessidades dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade. A obra de Almeida (2009), referenciada no **T15** (texto 15) do corpus desta pesquisa, faz referência à resistência dos professores em relação à mudança de suas práticas pedagógicas. Nas colocações do autor do **T9** (texto 9) captamos informações relativas as percepções dos docentes, que, em sua maioria, consideram os Ambientes Virtuais – AVAs – de fácil utilização. Voltando ao quadro teórico, Almeida (2009, p. 76), coloca que,

[...] cabe aos pesquisadores e educadores – conscientes de sua responsabilidade social e comprometidos com o ensino voltado à aprendizagem e à compreensão das problemáticas da vida – analisar as tendências mundiais de integração e convergência de tecnologias, construir referências conceituais que permitam compreender criticamente as contribuições da incorporação de tecnologias à educação, assim como acompanhar e subsidiar a definição de políticas públicas voltadas à inclusão digital das escolas e à integração de tecnologias aos processos de ensinar, aprender, gerir a escola e suas tecnologias.

O autor do **T1** (texto 1), baseado em Almeida (2009), descreve como uma

grande necessidade que os professores adotem uma postura crítica diante dos modelos que limitam o letramento e, sobretudo, que redefinam constantemente o que significa ser letrado, considerando o que as exigências sociais requerem na atualidade.

As ponderações do **T6** (texto 6), indicam que os professores que trabalham com um planejamento de aula organizado e flexível de acordo com as necessidades demonstradas pelos alunos durante a aula, têm mais participação dos alunos e sendo assim, pode ser que o processo de aprendizagem seja facilitado. Existe uma preocupação por parte do docente em identificar os conhecimentos prévios dos alunos para trabalhar determinados assuntos. Nessa prática, conforme colocação do autor do **T14** (texto 14) há um incentivo para utilizar as experiências vivenciadas pelos alunos como também conhecimentos já construídos em outras disciplinas. Sendo assim, o planejamento se mostra necessário, entretanto, é enfatizado que se deve levar em conta o interesse demonstrado pelo o aluno e, se for preciso, modificar o planejamento já construído.

Levando em consideração que a preocupação central é a formação de qualidade, temos que ter em mente que o docente em processo de formação, seja inicial ou continuada, não pode simplesmente utilizar por utilizar a tecnologia, pois esta ação resultaria em utilização indiscriminada da tecnologia nas salas de aula sem uma real intenção pedagógica, colocações do **T13** (texto 13).

Para muitos professores, o domínio do conhecimento parece ser fundamental para desenvolverem uma boa aula. Entendemos que, ter um conhecimento sólido do que irão trabalhar com os alunos irá auxiliar no planejamento das aulas, facilitando na escolha de recursos, métodos e técnicas pedagógicas, deixando-os seguros para inovar.

Portanto, manter-se atualizado, científica e pedagogicamente, de modo a produzir conhecimentos, além de acessar e sistematizar informações e fazer uso dela com adequação contribui para o desenvolvimento dessas competências no aluno. São estas as características esperadas pelas instituições educacionais, especialmente na formação de seus docentes. Outrossim, a habilitação requerida para o professor é o domínio dos conteúdos com suficiente desenvoltura para suportar situações complexas (XAVIER, 2002).

O desafio está em saber aproveitar ocasiões partindo dos interesses dos alunos, explorando os acontecimentos e, dessa maneira, favorecendo a apropriação

e a transferência dos saberes. Nesse sentido, podemos afirmar que formação docente, conteúdos de ensino, interesse dos alunos, relações pedagógicas devem, necessariamente, serem discutidas no âmbito da nova era digital, conforme colocações do autor do **T8** (texto 8).

O propósito de uma educação superior pautada na formação crítica e criativa faz sentido nos dizeres de Ramos (1997), para esta autora:

Formar pessoas preparadas para intervir de forma crítica na sociedade em construção acelerada, pessoas disponíveis para a mudança, com capacidade de aprender em cada dia com os factos novos que experienciam, com capacidade de se desenvolver, concomitantemente, com a sociedade em que interagem, são objetivos da "educação". (RAMOS 1997, p.02).

Contudo, sabemos que nenhuma inovação tecnológica chega a todos os indivíduos de uma sociedade igualmente. Olhando para o contexto desta pesquisa percebemos diferentes realidades sociais, econômicas, culturais e tecnológicas. As condições de acesso às tecnologias são diferentes, esta é uma constatação verificada durante o andamento desta análise de conteúdo. Justamente por estas diferenças nas condições de acesso às tecnologias que, segundo o **T6** (texto 6) é sentida a necessidade do professor saber ouvir, dialogar e compreender. Estas são condições essenciais para que esse profissional obtenha a confiança e estabeleça uma relação de parceria com seus alunos. Utilizando-as, ele pode conquistar o aluno, estreitar laços, trazê-lo para perto, a fim de identificar possíveis dificuldades de aprendizagem. Esses aspectos são essenciais no conjunto das transformações operadas pelo avanço da tecnologia na vida cotidiana, no trabalho, nas relações pessoais, etc.

Kenski (2012) reconhece que uma mudança de paradigma para professores implica em transformar o método de falar e ditar conteúdos em, muito mais, refere-se a mediar ações de aprendizagem. Segundo **T12** (texto 12), o ato de navegar na internet, ganha cada vez mais espaço em nossa vida, especialmente através do uso dos telefones móveis que oferecem recursos para busca de informações em qualquer momento e em qualquer lugar. Dessa forma o foco da ação docente fica na mediação, no sentido de instigar os alunos a dar sentido às informações acessadas.

Já no que compete à atuação da TI em contextos educacionais e segundo o **T11** (texto 11) do *corpus*, nas instituições de ensino superior (IES), a responsabilidade social se reflete no fluxo de informações criadas, então, o objetivo seria dispor de um gerenciamento sobre a organização e veiculação desses conteúdos informacionais,

potencialmente capazes de motivar uma produção cultural e intelectual nos indivíduos, para que esta prática tenha resultados significativos. Isso está em consonância com Freire (2002) quando esse autor diz que,

[...] cresce a responsabilidade social dos profissionais da informação, tanto como produtores de conhecimento no campo científico quanto como facilitadores na transferência do conhecimento científico para usuários que dele necessitem, independentemente dos espaços sociais onde vivem e dos papéis que desempenham no sistema produtivo (FREIRE, 2002, p.12).

Cresce a responsabilidade dos profissionais da informação, uma vez que esta última é possível de ser acessada por diversos meios, como, por exemplo, as notícias de jornais, que podem ser lidas no jornal impresso, *on line*, em computador, tablete e celular. Concordamos ainda mais, com Freire (2006) quando ele ressalta que:

Estamos prestes a receber a geração Net chegando às instituições de Ensino Superior do Brasil, os nascidos nos anos noventa do século passado chegando aos anos 20 do século XXI. Educar a geração Internet será um privilégio e um desafio. Hoje, e principalmente no futuro, o professor deverá estar preparado para atender uma geração que tem a sensibilidade audiovisual extremamente desenvolvida. Esta geração não consegue prestar atenção, motivar-se e aprender em uma aula expositiva, mas prefere aprender experimentando, explorando, trabalhando em equipe, pesquisando na Internet. (FREIRE, 2006 p. 01).

O alerta de Freire precisa ser levado a sério. Embora Freire não tenha vivido para ver todas as revoluções tecnológicas, o que viu e viveu serviu para que chamasse a atenção da imensa tarefa que está (estava) designada ao professor nesse cenário.

Redescoberta do papel do educador

A redescoberta do papel de educador - norteador teórico e subcategoria - demonstra uma estreita relação com a tecnologia. Segundo o autor do **T2** (texto 2) existe um importante recomendação para que os professores em formação inicial aprendam *sobre*, *através* e *com* os meios de suporte tecnológico que estiverem à sua disposição.

Evidenciando o foco desta pesquisa, havemos de concordar com essa orientação, pois, somente por meio de uma formação que envolva esses três aspectos, os professores terão, de fato, uma noção, não apenas teórica dos

dispositivos tecnológicos, mas também prática, e, uma vez que esses instrumentos passarem a fazer parte da rotina acadêmica desses profissionais, a união de recursos tecnológicos e às práticas pedagógicas em sala de aula se tornarão possíveis. Assim sendo, revisitando o quadro teórico, é necessário redescobrir o papel de educador e repensar a educação em seus fundamentos para o uso da tecnologia (BUZATO, 2007).

Para que haja sucesso na construção de planos educativos com resultados significativos, tomamos Souza (2004) como exemplo. Ele discorre que a capacidade do professor de atuar como mediador e conhecer a realidade de seus alunos em todas as dimensões (pessoal, social, familiar e escolar) é de fundamental importância para que ele ofereça possibilidades permanentes de diálogo. Em relação a utilização das tecnologias o autor do **T12** (texto 12) aborda a relação do sujeito com as tecnologias digitais e toma por base Kenski (1998), quando afirma que esta utilização é uma relação que vai além de uma simples exploração:

[...] não resta apenas ao sujeito adquirir os conhecimentos operacionais para poder desfrutar das possibilidades interativas com as novas tecnologias. [...]. Exige também a apropriação e uso dos conhecimentos e saberes disponíveis não como uma forma artificial, específica e distante de comportamento intelectual e social, mas integrada e permanente, inerente à própria maneira de ser do sujeito (KENSKI, 1998, p. 67).

De forma geral os alunos estão acostumados a estarem em salas de aula organizadas de forma tradicional e o professor ministrando as aulas. Por este motivo, é importante que tenhamos presente o quanto as práticas educativas vêm se ampliando pela via da internet, através de cursos EaD ou mesmo nos AVAs com as interações virtuais em praticamente todos os cursos superiores, como coloca o autor do **T10** (texto 10). Entender e analisar essa realidade é importante no atual contexto educacional.

Contudo, como dito anteriormente, o recurso digital não é o único fator e nem mesmo o mais importante para a prática educativa, mas sim as relações que podem ser construídas a partir dele. Ou seja, as práticas de letramento digital precisam ser consideradas para que a utilização das tecnologias possam de fato ter sentido no processo educativo.

Sendo assim, é importante o professor se aperfeiçoar, pesquisar, buscar informações relevantes e principalmente fazer as mudanças necessárias nos seus hábitos e dos seus alunos. Somente a sala de aula não atrai mais os alunos, é preciso

abrir as portas do mundo digital. Para estar ligado a essa prática e entendê-la é preciso estar inserido nesse contexto. Hoje, a profissão “docente” exige diversas funções, e isto requer uma nova formação profissional de caráter permanente **T1**(texto 1).

A mudança de postura em sala de aula é um fator importante para que o professor integre as tecnologias na dinâmica da sala de aula, ou do ambiente de aprendizagem. Nesse sentido os cursos de formação de professores precisam incluir em suas práticas o uso de tecnologias e instigar os alunos, futuros professores, ou professores em atuação, a analisar de forma crítica esse uso, como revela o **T4** (texto 4), o que poderá permitir que o professor as experimente em sua vivência.

O **T16** (texto 16) nos diz da importância dos docentes estarem em constante atualização devido à grande demanda de novidades tecnológicas para a prática educativa. Isso é importante, para que sejam entendidos e respeitados os limites que existem, por exemplo, nas pesquisas da internet, como os direitos autorais, as falsas notícias, além dos cuidados com as fontes das pesquisas, já que nem todas são confiáveis. É nesta situação que entra o professor mediador, que fará a ponte entre seus alunos e a informação amplamente disponível nas redes sociais e nos sites em geral. Eis aí o grande desafio que se coloca para os docentes.

Outro exemplo que pode ser tomado é aquele observado por Lemos (2002), que afirma que atualmente, na prática docente, a utilização, por vezes exagerada, de projetor multimídia como recurso tecnológico não é suficiente para promover aprendizagem. Destacamos que para ser um uso significativo, o professor precisa instigar e convidar os alunos a darem sentido ao que é apresentado.

Essas considerações permitem dizer que o futuro exigirá um redimensionamento da atuação docente: sair do papel de provedor de informações para o mediador das operações realizadas por meio das tecnologias digitais, para que o aluno possa desenvolver aprendizagem. Ou seja, é preciso um olhar crítico diante do que a tecnologia digital oferece (LEMOS, 2002).

Por todas estas transformações mencionadas e pela rápida disseminação da tecnologia na sociedade contemporânea, é preciso, como adverte Freire (2002), que estabeleçamos uma postura crítica, o que encontra eco em Ramal (2002), “os suportes digitais, as redes, os hipertextos, são, a partir de agora, as tecnologias intelectuais que a humanidade passará a usar para aprender, gerar informações, ler, interpretar a realidade e transformá-la. (RAMAL, 2002, pg. 14).

Habilidade e competência com o AVA

Por comportar diversas ferramentas, o AVA pode permitir diferentes tipos de interação, dependendo da dinâmica proposta pela ação docente. Silva (2001) no **T3** (texto 3) coloca que a aprendizagem é um processo de construção compartilhada do conhecimento, nesse sentido o AVA pode ser um meio disso acontecer, quando o projeto de ação docente é adequado.

Segundo o entendimento de Almeida (2009), para tanto é preciso uma compreensão de como e quais serão as contribuições da incorporação das tecnologias nesse cenário. Este aspecto ao qual nos referimos, corrobora com os estudos sobre a necessidade de a formação docente inserir práticas e experiências de letramento digital e formas de inserção na cultura digital.

Ribeiro e Coscarelli (2005), se referem à importância de desenvolver habilidades para o uso dos ambientes virtuais, para suportar a prática educativa. Eles apontam para a real necessidade de desenvolvimento de um letramento específico, voltado a preparar a geração atual e também as futuras para melhor lidarem com as linguagens e gêneros, tirando o melhor proveito possível e utilizando as práticas de LD em suas mais variadas formas para alcançar diferentes objetivos almejados.

Masetto (2011), afirma que o ensino superior no Brasil hoje, ainda privilegia em sua estrutura o domínio dos saberes e as experiências constantes no currículo do profissional docente, como requisito para lecionar em curso superior. Porém, o avanço da tecnologia criou um novo cenário na educação, o professor como mediador na construção do conhecimento é o suporte que o aluno precisa para realizar a sua trajetória na formação acadêmica. Diante disso surge a demanda por modificações nos currículos desses cursos.

As opções de formação, segundo o **T2** (texto 2,) se ampliaram e já não existem mais parâmetros de local ou horários determinados, cada indivíduo gerencia a sua necessidade conforme a sua rotina e disponibilidade. Os resultados da análise do **T9** (texto 9) do *corpus* evidenciam uma forma de ensinar e aprender, baseada na colaboração mútua, que é o que acontece nas interações em AVA, onde se constrói o processo educativo em grupo, porém com um indivíduo em cada lugar, no mesmo horário ou não. O que importa, neste caso é o resultado e as construções que são feitas através destes acessos.

Nesse rumo, o uso de AVAs de forma significativa para que o processo de

aprendizagem seja potencializado é algo relevante nos tempos atuais. E para tanto o papel do professor como mediador é imprescindível, sendo assim as práticas de letramento digital se fazem necessárias para que a utilização dos recursos do AVA sejam aproveitados de forma significativa para que os alunos compreendam as ações que são realizadas.

Neste sentido, os textos que analisamos indicam que há um aumento de pesquisas que pretendem propiciar norteadores para a formação da docência especialmente pela internet, para o uso dos AVAs. Lévy discorre sobre isso:

[...] o saber fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva alteram profundamente os dados do problema da educação e da formação. [...] devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. [...] devemos doravante preferir a imagem dos espaços de conhecimento emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, que se organizam de acordo com os objetivos ou os contextos e sobre os quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva. (LÉVY, 1999, p. 168).

Quando cita a não linearidade, Lévy (1999) se refere a uma educação mais dinâmica, coerente com as características da cibercultura e permeada por novas práticas de comunicação possíveis de serem utilizadas no ciberespaço, representada nesse caso, pelo AVA. Outros autores também sugerem caminhos para se percorrer, como Ribeiro (2005), que enfoca o fato de os gêneros textuais em AVA apresentarem linguagem própria, necessitando assim, de um tratamento único no processo educacional para que o aluno possa utilizá-lo com responsabilidade. Desta forma, quanto mais letrado for o indivíduo, maiores serão as condições de interação com novos gêneros e novos suportes, de forma mais familiar (RIBEIRO, A 2005, p.135). Eis aí um dos aspectos principais no que tange ao letramento em geral e ao digital em específico: quanto mais experiências os alunos e os professores tiverem, mas facilmente conseguirão interagir criticamente com as informações disponíveis nos meios virtuais (SOARES, 2002; 2004).

Em referência à forma de disposição dos textos digitais, a hipertextualidade, conforme já abordado, precisa ser devidamente trabalhada na instituição de ensino, para que os alunos possam dar um significado ao realizarem a leitura desse tipo de texto. É importante que o ambiente esteja preparado para o avanço desse tipo de letramento, tanto no que se refere aos recursos físicos quanto humanos.

Assim sendo,

“[...] a capacidade de realizar buscas em AVA, necessita de competências e habilidades de Letramento Digital. Os professores precisam encarar esse desafio de se preparar para essa nova realidade, aprendendo a lidar com os recursos básicos e planejando formas de usá-los em suas salas de aula.” (COSCARELLI, 2005, p. 31).

De acordo com Araújo (2006) o letramento digital é um processo cada vez mais necessário para o desenvolvimento de habilidades e competências daqueles que querem ou necessitam trabalhar em AVA ou em outros meios digitais e tecnológicos, porém, em um contexto de mudança social, tendo em vista que as tecnologias ocupam, atualmente, espaços em todos os setores da sociedade. Conforme o **T10** (texto 10), não é mais possível que essas questões sejam deixadas de lado, considerando-se que a falta de domínio das linguagens digitais estaria gerando novos tipos de excluídos na sociedade.

Coscarelli e Ribeiro (2010, p.28), por sua vez, questionam: “não estariam contribuindo para a exclusão aqueles professores que acreditam que a informática não é a realidade de nossos alunos?”. Apesar de a informática ser reconhecida, por parte dos professores, como uma realidade dos alunos de escolas públicas e zonas periféricas, outras questões se fazem pertinentes sobre o acesso às tecnologias e o domínio da informática.

Estamos preparados para lidar com esse instrumental que se disponibiliza com o advento da informática? Sabemos digitar? Sabemos formatar textos? Sabemos lidar com planilhas? Sabemos criar apresentações? Sabemos navegar? Como então vamos ajudar nossos alunos a dominar essas ferramentas e entrar nesse mundo novo, se não o conhecemos? Os professores precisam encarar esse desafio de se preparar para essa nova realidade, aprendendo a lidar com os recursos básicos e planejando formas de usá-los em suas salas de aula (COSCARELLI e RIBEIRO, 2010, p. 31).

Diante das transformações sociais ocasionadas pela presença da tecnologia, Pereira (2014, p. 13) afirma que “o ensino não poderia se esquivar dos avanços tecnológicos que se impõem ao nosso cotidiano”. Entendemos assim, que a formação docente precisa estar atenta a essas transformações, pois são elas que evidenciam a necessidade de se preparar o professor para ser capaz de interagir por meio desta no meio em que vive, construindo conhecimentos a partir do manuseio das TDIC.

Coscarelli e Ribeiro (2005), ao falar sobre o preparo do professor para uso do computador em sua prática pedagógica, enfatiza a necessidade deste profissional em saber lidar com essa ferramenta para conduzir os processos educativos dentro desta

perspectiva. Para tanto, Freitas (2010) sinaliza que o professor, segundo o **T12** (texto 12), deve experienciar o letramento digital no próprio processo pedagógico em sua formação inicial. Sendo assim, Freitas (2010) contribui para ampliar nosso entendimento de como dever ser a aproximação, conforme **T4** (texto 4), do professor com o letramento digital ao afirmar que esta deve ocorrer no interior de todas as disciplinas por meio de um trabalho contínuo.

Nesse sentido, tratar do letramento digital nos processos formativos para que o professor saiba responder às demandas que esse novo fazer pedagógico exige, torna-se fundamental, principalmente, por envolver recursos tecnológicos como ferramenta no processo ensino-aprendizagem.

Atividades Educacionais em AVA

A utilização do AVA tem se mostrado cada vez mais presente nas atividades educacionais, seja como apoio a educação presencial seja na esfera da educação *online* (NEVES, 2011), conforme indicam os resultados das pesquisas tomadas como *corpus* de investigação. Contudo, em referência as dificuldades que os professores possam ter para utilizar a tecnologia, e até entender e superar a complexidade que as novidades apresentam, são destacadas nos textos analisados nesta pesquisa, a necessidade de mais tempo para a preparação do material didático e das atividades no AVA, segundo **T10** (texto 10), especialmente se a opção for por utilizar ferramentas de interação síncrona, ou seja, em tempo real, *on line*. Isso indica que também os professores precisam de formação no campo do letramento digital, na perspectiva indicada pelos autores (SOARES, 2002, 2004; BRAGA, 2013; FLORES, 2013).

O ambiente virtual de aprendizagem é um espaço de mediações, nele a prática educativa baseada na cooperação e interação encontra lugar para seu desenvolvimento, é o que se refere o autor do **T10** (texto 10). Através de uma diversidade de mídias podem ocorrer processos que corroborem com a construção da aprendizagem e sendo assim, o AVA se apresenta como ambiente propício à interatividade e à construção colaborativa.

Por este ângulo, é importante entendermos que o AVA é um espaço que viabiliza a distribuição da informação e a comunicação entre tutores e alunos, entre alunos e alunos e entre tutores e tutores, **T9** (Texto 9). Uma comunicação de mão

dupla, no qual todos podem participar postando suas mensagens, tarefas e material de estudo. Desse modo, para que se desenvolva com responsabilidade, é importante que esse ambiente se configure como um contexto de autoria, com espaços abertos à escrita do aluno. Que não seja um ambiente usado apenas com fins informativos (avisos, textos, etc.), mas também como espaço de interação, de diálogo, de discussão sobre os temas curriculares (LIMA, 2008). Nessa direção é que novas práticas e uma nova cultura educacional, que supõe o letramento digital, como indicado pelos autores estudados que embasam essa pesquisa, precisa ser levada em conta, tanto na escola, entre e com os jovens, quando pelos educadores e formadores de professores.

Um AVA pode ser usado, segundo o **T10** (texto 10) tanto para aumentar o espaço de interação em cursos presenciais, quanto em semipresenciais ou à distância, porém se as instituições educacionais não se derem conta disso, além de permitirem que seus alunos concluam suas formações sem passarem por um processo de reflexão sobre a importância e as situações de pertinência do uso desses gêneros, também poderão tornar suas atividades desinteressantes para seus alunos, que poderão perceber uma certa falta de sintonia entre a escola e o mundo externo, uma vez que “[...] com o século XXI, estamos vivendo o fortalecimento da comunicação digital, que tem tido participação cada vez mais abrangente na vida das pessoas de todas as idades e localizadas praticamente em todas as partes do globo.” (LEITE, 2008, p. 64). Pensar a formação das novas gerações e também a de professores na perspectiva da comunicação digital é, portanto, imprescindível.

Outro elemento considerado relevante pelo autor do **T10** (texto 10) do *corpus*, da pesquisa é a compatibilidade. O que nos possibilita dizer que os docentes entendem que os AVAs permitem que se trabalhe na plataforma digital aquilo que já vem sendo trabalhado em meio presencial, de acordo com a criatividade de cada um, ou seja, após os encontros presenciais em sala de aula, os indivíduos podem seguir interagindo entre duas partes ou entre múltiplos usuários para solucionar problemas em comum, criar textos coletivos e até seguir ou finalizar trabalhos iniciados em sala de aula.

A análise realizada indica que interações suportadas pela internet podem ser potencializadoras da aprendizagem. Outro aspecto que aparece no **T9** (texto 9) do *corpus*, com a ampliação dos estados em AVA, é flexibilização dos horários de estudo, que permite que o aluno possa estudar em qualquer local. Isso sugere que o AVA é

um recurso facilitador da gestão do ensino, aspecto importante no atual contexto da vida moderna.

Lemos (2002) alerta para o fato de que alguns professores ainda têm certa dificuldade em aceitar a tecnologias como um recurso que pode contribuir com a prática pedagógica. Primeiro, porque alguns professores nem estão preparados para usar essa tecnologia, alguns não se interessam e nem procuram aprender ou se aperfeiçoar, e em segundo, pode ser que a própria escola não incentive e nem possua estrutura para tal. Embora existam sinais de que isso esteja mudando, ainda temos professores que não se adaptam às tecnologias como instrumento pedagógico. Assim, ainda é preciso acolher esses sujeitos, ofertando as oportunidades necessárias a eles para se adaptarem e se aperfeiçoarem. É importante lembrar que:

No início da introdução dos recursos tecnológicos de comunicação na área educacional, houve uma tendência a imaginar que os instrumentos iriam solucionar os problemas educacionais, podendo chegar, inclusive, a substituir os próprios professores. Com o passar do tempo, não foi isso que se percebeu, mas a possibilidade de utilizar esses instrumentos para sistematizar os processos e a organização educacional e uma reestruturação do papel do professor (TAJRA, 2000, p. 29).

Com base na análise do **T13** (texto 13), é possível perceber que são diversos os recursos e práticas que podem ser utilizados pelos professores para apoiar a aprendizagem dos seus alunos e constantemente surgem novas redes e aplicativos no ciberespaço que conquistam os internautas interessados em informações disponíveis na internet.

Assim, o ciberespaço vem se consolidando cada vez mais como um genuíno espaço sociodiscursivo, em que emergem variados gêneros textuais, tanto aqueles totalmente novos, quanto àqueles transmutados, no dizer de Araújo, J. (2006). Além disso, as formas de interação que permeiam esse ambiente, como já se fez menção anteriormente, inovam-se continuamente.

As formas de interação são constituídas pelas mais variadas maneiras de representação: palavra, som e imagem multimidiáticas, já que as tecnologias que dão forma ao ciberespaço estão cada vez mais integrando as diversas mídias existentes.

A Internet é hoje um espaço privilegiado para realização de pesquisas, mas identificamos no *corpus* analisado, informações de que é comum os professores afirmarem que os alunos não sabem pesquisar nesse ambiente ou utilizam somente a prática de “recorte e cole”, ação que tem gerado muitas discussões pela sua

natureza superficial e a não observância de aspectos éticos e legais. Contudo, talvez esta atitude pudesse ser evitada, se os docentes adotassem, como estratégia de pesquisa, o uso mais sistemático, amplo e crítico das informações disponíveis na Internet e estabelecessem relações mais diretas no debate sobre essas questões. Dessa forma, poderia constituir-se em uma excelente ação para promoção do letramento digital na escola, a fim de contribuir para o desenvolvimento das competências que constituem o primeiro nível do letramento digital (MARTIN, 2008).

Assim sendo, Lemos (2007) aponta que a cibercultura, também entendida como a cultura digital, modifica hábitos sociais e educacionais, práticas culturais, ritmo de produção e distribuição de informações. Em linhas gerais, os resultados da análise evidenciam a necessidade de transformações nas relações sociais e, em consequência, nas educacionais, advindas das mudanças tecnológicas e da nova cultura virtual da sociedade contemporânea.

Enfatizamos que rever a sua atuação e a sua própria prática é inegavelmente a primeira atitude que o professor precisa ter para que o processo de ensino e aprendizagem em AVA possa contar com práticas de LD inovadoras. O docente, além de ser o responsável pela formação intelectual de outras pessoas, seguirá por toda sua existência sendo aluno também. Portanto, em razão de estarmos inseridos em uma sociedade em constante atualização somos seres inconclusos, porém com capacidade de transformar o ambiente em que vivemos.

4.2 PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL NO ENSINO SUPERIOR

A categoria “Práticas de Letramento Digital no Ensino Superior”, envolve as subcategoria: práticas de LD, habilidades com as TICs, influência da mídia digital na educação, capacidade de comunicação virtual, avaliação da informação e comunicação ampliada pelas TICs. Embasados nos documentos do *corpus* e no quadro teórico, procuramos identificar elementos relacionados às questões levantadas neste estudo de maneira que possamos contribuir para o desenvolvimento das práticas de letramento digital em AVA no ensino superior.

Práticas de Letramento Digital

A subcategoria “práticas de letramento digital”, segundo a abordagem de Ramal (2002), é exercitar continuamente o LD e a sua prática, é a constante renovação das informações que ocorrem devido ao fácil acesso da população à internet.

Conforme o autor do **T5** (texto 5) Letramento digital se expressa não apenas com o saber como utilizar as tecnologias digitais, mas ter contato de maneira significativa, percebendo seus usos e possibilidades em nossa sociedade. Para Magda Soares, o conceito de letramento, ao ser incorporado à tecnologia digital, significa que, para além do domínio de “como” se utiliza essa tecnologia, é necessário se apropriar do “para quê” utilizar essa tecnologia.

As colocações do autor do **T4** (texto 4), são coerentes com as colocações de Coscarelli e Ribeiro (2005), que afirma:

[...] Precisamos fazer com que os alunos sejam bons leitores e escritores de diferentes gêneros textuais e formatos, como o hipertexto, que pressupõe a utilização de elementos de navegação que vão provocar uma nova experiência com a escrita”. (COSCARELLI e RIBEIRO, 2005, p. 111).

Portanto, é necessário que, no desenvolvimento das práticas de leitura, o olhar se volte para o universo digital que precisa ser explorado para que a prática do LD em AVA possa ocorrer (COSCARELLI E RIBEIRO, 2005, p. 9). Neste sentido, Coscarelli enfatiza que “... o letramento digital é o nome que damos, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a leitura e a escrita também em ambiente digital”. Podemos, assim, considerar o termo letramento digital como conjunto de conhecimentos que permite às pessoas participarem das práticas letradas mediadas por computadores utilizando, principalmente, os recursos disponibilizados pela Internet.

Em certo sentido, a ideia de letramento digital se aproxima das problematizações levantadas por Paulo Freire (1987) que, incessantemente, escreveu, pesquisou e lutou contra a ideia de ensino como preenchimento das “mentes vazias do aluno”, opondo-se aquilo que chamou de “educação bancária”. Segundo esse educador, muitas escolas ainda veem o aluno como um depósito de informações a ser preenchido. Ainda que não questionem diretamente as bases da pedagogia bancária de ensino e aprendizagem, indivíduos estão se “auto letrando”

pela *internet*, desafiando os sistemas educacionais tradicionais, pelo uso constante da rede mundial de computadores, um “jeito novo de aprender”.

Contudo, quanto mais mediadores houver e quanto mais qualificados eles forem, melhores serão essas aprendizagens dos alunos, na perspectiva da formação de um cidadão crítico. De acordo com Lemos (2009), existe a possibilidade de potencializarmos as práticas educativas utilizando as tecnologias digitais:

Então eu acho que nós precisamos hoje, em termos de inclusão ensinar as pessoas a aproveitar um potencial que já está aí e não ficar pensando “bom, quem sou eu para produzir tal coisa, quando eu tiver uma inspiração, quando eu tiver os bons meios aí sim eu vou produzir alguma coisa”. Nós já temos isso nas nossas mãos e as pessoas já estão fazendo, embora eu achasse que ainda timidamente. Lemos (2009, p. 140).

Assim, segundo **T4** (texto 4) e considerando o que foi dito por Lemos (2009), em relação a utilização das tecnologias digitais nas práticas em sala de aula, poderá o professor, como sujeito participativo nos processos de ensino e aprendizagem, buscar, aprender a utilizar e ofertar os recursos das tecnologias digitais para seus alunos, esta ação incentivaria e conseqüentemente despertaria a produção de conteúdo por parte dos alunos.

Soares (2002), diz que o “letramento digital caracteriza certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e realizam práticas de leitura e escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no meio impresso” (SOARES, 2002, pág.24). Também, segundo a autora, “não é apenas a tela do computador que gera um novo tipo de letramento, mas todos os mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita e da leitura no mundo digital” (SOARES, 2002, pág. 26).

São diversos os recursos e práticas que podem ser utilizados pelos professores para apoiar a aprendizagem dos seus alunos. Constantemente surgem novas redes e aplicativos no ciberespaço que conquistam os alunos e que podem auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem.

Nesta direção, Soares (1998) coloca que letramento digital implica em realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital (SOARES, 1998).

Habilidades com tecnologias Digitais

Conforme Lévy (1999), nessa rede em que todos possuem as mesmas condições de construir conhecimentos, o papel do professor precisa se modificar: ele passa a valorizar o interesse do aluno e elabora seu planejamento e implementa sua prática a partir do aluno, e não mais da grade curricular. Dessa forma, permite que o aluno possa compartilhar e dar novos significados às informações. Considerando isso, um posicionamento de negação por parte dos professores, para o conhecimento dos recursos dessas tecnologias digitais, impede que possam ser usadas como potencializadoras nas práticas pedagógicas.

Estes "jeitos novos de aprender" requerem capacidades, que aprofundaremos agora enquanto nos dedicaremos a discorrer sobre o norteador teórico "Habilidades com tecnologias digitais", que nos conduz à prática do Letramento Digital, na qual Valentini e Soares (2011) relacionam habilidade com os recursos das tecnologias digitais, de forma a atribuir sentido e significado a sua utilização.

Neste âmbito reside o fato de que muitos professores universitários nunca tiveram práticas docentes em instituições além da universidade, sua trajetória profissional está alicerçada apenas nos modelos de professores que tiveram e suas experiências, que nem sempre incluiu, por exemplo, experiências mais reflexivas no campo da cultura digital. O que estes profissionais sabem, foi constituído apenas enquanto alunos.

Diante dessas ideias fica exposto a necessidade de se promover uma transformação nos processos e práticas vigentes começando pela adequação dos currículos, disponibilização de infraestrutura para formação dos docentes, na qual as práticas de letramento digital sejam, de fato utilizadas, aprendidas, refletidas, incorporadas criticamente. Buzato (2006) entende que,

[...] letramentos digitais (LDs) são redes de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais (computadores, celulares, aparelhos de TV digital, entre outros) para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais limitados fisicamente, quanto naqueles denominados online, construídos pela interação social mediada eletronicamente. (BUZATO, 2006, p. 16).

A análise dos dados nos leva a compreender que desenvolver o LD não é uma tarefa fácil, rápida e que se aprende sozinho apenas com o uso da tecnologia. Pensar as práticas de leitura e de escrita no computador e na *internet* são desafios

importantes que devem ser considerados na formação de professores. Conforme o **T11** (texto 11), é imprescindível criar condições para ensinar a prática do LD, pois esta ação, exige que o professor compreenda e perceba as ferramentas de comunicação como aliadas na construção do conhecimento e no estabelecimento de novas relações com os alunos. Somente introduzir as tecnologias digitais nas salas de aula não será o bastante, deverá o professor reconhecer as potencialidades desses instrumentos e saber trabalhar com eles reflexiva e criticamente.

Influência da mídia digital na educação

Almeida (2008), menciona que a rede Internet proporcionou aos usuários acesso a muitas informações, porém, agora é preciso que se busquem meios para que os alunos, em processo de formação, sejam alcançados por diferentes práticas e experiências de letramentos digitais, em sintonia com o atual momento que estão vivendo de forma que a sua prática esteja voltada ao aproveitamento das potencialidades comunicativas individuais.

Oliveira (2009), revela que a pesquisa na educação em tempo de *internet* é compreendida por educadores brasileiros como uma prática importante, que amplia, por exemplo, as aulas expositivas. Paiva (2008) esclarece que, em geral, os professores que participam de formação sobre computadores fazem um balanço positivo. Entretanto, parece haver poucas ações de formação em âmbito específico das disciplinas, as ações tendem a ser majoritariamente de âmbito generalista e não específica.

No cenário atual verificado no **T15** (texto 15) do *corpus* da pesquisa vimos relatos de docentes que afirmam não terem tido formação inicial e agora sentem a necessidade de uma formação continuada em TIC. Essa constatação não é nova, como relembra Kenski (2012), os vários relatos em investigações e publicações na área da educação mostram que um dos pilares do fracasso no uso das tecnologias é a falta de conhecimento por parte dos professores, na verdade, eles não são formados para o uso pedagógico das tecnologias, sobretudo das TICs. Por isso, para que os docentes sejam considerados fluentes digitais, o LD se torna imprescindível.

Capacidade de Comunicação Visual

Outro aspecto relacionado a essa categoria, é a ideia defendida por Xavier (2002), que versa sobre o sujeito letrado digitalmente ter a possibilidade de questionar informações vindas da WEB devido a sua capacidade de comunicação virtual. Podemos articular que a capacidade comunicativa em rede transforma o indivíduo e o torna capaz de realizar práticas críticas de LD, de forma que esta interação o coloque como sujeito ativo no meio social em que atua.

Avaliação da Informação – Fonte

Conseguir avaliar, conforme o **T7** (texto 7), a veracidade da fonte das informações é uma das características principais do Letramento Digital, afinal, implica em realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. É um processo que vai além da decodificação do sistema alfabético da escrita e incorpora a compreensão dos usos sociais da escrita.

Letramento digital, nessa abordagem, significa não apenas saber como utilizar as tecnologias digitais, mas entrar em contato com ele de maneira significativa, entendendo seus usos e possibilidades em nossa vida social e avaliando com seriedade as fontes das informações. Com isso se compreende que é hora de o professor dominar os objetos digitais e viabilizar essa aprendizagem atual, com mediação crítica.

Capacidade de comunicação ampliada pelas tecnologias digitais

Constatamos e reafirmamos que é comum, como destaca o autor do **T16** (texto 16) que a apropriação da tecnologia envolva muito mais do que a simples utilização de equipamentos tecnológicos. Envolve também o desafio do educador reformular estratégias que motivem os alunos, especialmente na fase inicial e acompanhamento constante baseado em discussões e reflexões qualificadas.

Segundo Kenski (2012), a utilização das TICs vai além do simples acesso. Revela a importância da apropriação, ou seja, segundo o **T14** (texto 14) é a capacidade de entender o que está fazendo e para que. Além disso, pontua sobre como o processo de aprendizagem tornou-se constante, de maneira que estamos diariamente aprendendo a aprender baseados na educação colaborativa.

Ramal (2002) enfatiza, em suas obras, que o que possibilita o letramento digital e o amplia é a prática constante de atualização da informação e da reflexão qualificada sobre ela. Isso ocorre devido à acessibilidade que é alterada em pouco tempo. A partir da modificação de processos psicológicos internos é que o indivíduo se apropria da técnica e torna-se capaz de ampliar conhecimento no processo de apropriação tecnológica.

Como fator determinante dessa apropriação, Sampaio e Leite (2004) apontam para a importância do LD como parte integrante da formação inicial e continuada do professor. Segundo essas autoras, o LD não se refere a um uso puramente técnico dos recursos tecnológicos, mas a um domínio contínuo e crescente das tecnologias que estão na escola e na sociedade, mediante o relacionamento crítico com elas.

Este domínio se traduz em uma percepção global do papel das tecnologias na organização do mundo atual e na capacidade do professor de lidar com as diversas tecnologias, interpretando sua linguagem e criando novas formas de expressão, além de distinguir como, quando e por que são importantes e devem ser utilizadas no processo educativo (SAMPAIO e LEITE, 2004, p. 75).

5 RESULTADOS

Considerando a análise dos textos do *corpus* elencamos alguns elementos que podem contribuir para a prática de Letramento Digital em AVA no Ensino Superior.

- Buscar, avaliar e julgar as informações encontradas na internet;
- Possuir habilidade para realizar uma leitura hipertextual;
- Produzir, compartilhar e divulgar conhecimento a partir de diferentes fontes de pesquisas;
- Estabelecer formas de comunicação com pessoas em espaços e tempos diferentes, escolhendo o recurso mais adequado para as finalidades a serem atingidas;
- Interpretar variadas formas de comunicação: palavras, sons, imagens.
- Criar ambientes colaborativos para a construção coletiva do conhecimento.

As tecnologias que permeiam nosso cotidiano podem ser alidas do processo educativo, quando incorporadas às ações pedagógicas, mas para isso é preciso que os professores ressignifiquem suas formas de atuar. Como recomenda o autor do **T6 (texto 6)**, é necessário que ele tome para si o trabalho de compreensão da cultura na qual ele está inserido, entendendo seus significados e se se apropriando de sua dinâmica. Uma relação que vai muito além da simples utilização, conforme afirma Kenski (1998), pois, não basta apenas o sujeito adquirir os conhecimentos operacionais para poder desfrutar das possibilidades interativas com as tecnologias.

[...] exige também a apropriação e uso dos conhecimentos e saberes disponíveis não como uma forma artificial, específica e distante de comportamento intelectual e social, mas integrada e permanente, inerente à própria maneira de ser do sujeito (KENSKI, 1998, p. 67)

Na atualidade, mesmo sem ter um computador em casa, é possível conseguir acessar à *internet*, as informações e os serviços disponíveis, mas transformar essas informações em conhecimentos requer que elas sejam analisadas com criticidade. As colocações de **T12 (texto 12)**, enfoca que nesta perspectiva, existe um consenso de que o acesso às informações por diferentes vias, computador ou *smartphone*, pode ficar apenas no nível superficial, por isso a importância do professor como mediador.

O letramento digital conforme a análise realizada pode ser desenvolvido e aprimorado através de formação continuada dos professores. Entendemos que se o docente já estiver convencido da irreversível entrada das tecnologias digitais de informação e comunicação na instituição educacional e uma vez convicto de que o incentivo de sua utilização só trará benefícios, poderá prospectar o potencial didático explorável nos diversos dispositivos tecnológicos à sua disposição.

Sabemos que as TDs não foram criadas prioritariamente para a educação, como destaca **T12** (texto 12), por isso, elas carecem da percepção do docente para atuarem como promotores de comunicação e de compartilhadores de informações. As tecnologias se revelam como condições significativas para instaurar situações de ensino e aprendizagem. Tomá-las como recursos potenciais de apoio ao seu fazer pedagógico permitirá ao docente aproximar-se delas para, conhecendo-as, aproveitar suas vantagens de comunicação e interação de forma on line ou não.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo deixamos algumas considerações acerca das práticas de letramento digital em AVA no ensino superior. Os resultados permitem destacar que a apropriação da tecnologia por parte dos atores do processo educativo, envolve mais do que a pura utilização de equipamentos, mas, também, a compreensão dos sentidos e a reflexão qualificada das operações realizadas por meio das TICs no cotidiano escolar. Esta compreensão diz respeito ao processo do letramento digital que pode ser a base para potencializar os processos de ensino e aprendizagem, no contexto digital. Nesse cenário é relevante o papel do professor que precisa ressignificar sua prática e forma de atuar em seu fazer docente, como foi enfatizado. Assim ele poderá ser a ponte entre a cultura digital e a sala de aula, que agora se transforma em ambientes de aprendizagem ou em Avas.

Aprendemos com o desenrolar desse estudo que diferentes habilidades surgem como necessárias na prática do letramento digital, por este motivo inferimos que não basta inserir as tecnologias nos ambientes educacionais é preciso entendê-las para que a sua utilização aconteça de modo relevante. As discussões levantadas em torno do LD e dos novos conceitos que se formam a partir da sua utilização, mostram que as TICs têm desafiado as instituições de ensino.

Reconhecendo a extensão da temática letramento digital e os estudos referentes às práticas de letramento digital, identificamos que o resultado desta pesquisa merece a elaboração de novos questionamentos que certamente irão apontar para outros níveis de letramento digital. Acreditamos que os encaminhamentos e as questões levantadas neste estudo através dos norteadores teóricos e descritores, possam colaborar com a renovação das práticas de LD na formação dos docentes, de modo a incentivar uma maior convivência em espaço de AVA com colaboração no desenvolvimento de processos educativos.

Os resultados que apresentamos indicam como primordial a discussão sobre o modo como vem ocorrendo a incorporação das TICs nas instituições de ensino e seu papel na formação profissional. Evidenciam, ainda, que, por intermédio da Educação, surge o caminho para a socialização das TICs, aumentando as potencialidades para a construção qualificada do conhecimento, sempre mediado pelos docentes. Outra característica marcante que surgiu como resultado da pesquisa é a colaboração. A ideia de fazer surgir a cultura da colaboração apresenta-se como um desafio aos

professores. Ir além do individualismo, saber trabalhar de forma colaborativa é um dos desafios mais importantes para os profissionais da educação.

As instituições de ensino têm importante papel em proporcionar os meios necessários para o acesso adequado à tecnologia, além de formar e capacitar professores para o uso e aplicações das TICs na educação. Então não se pode deixar de considerar na formação docente as oportunidades que as tecnologias oferecem, pois, as TICs, quando usadas para mediar o ensino e a aprendizagem, podem oferecer mudanças significativas na comunicação, relação e experiências humanas.

Diante do exposto, podemos concluir que as TICs na educação não podem ser concebidas apenas sob a perspectiva de substituir o “tradicional” pelas novas tendências de maneira a simplesmente usá-las no preparo de aulas. É preciso, pois, encarar a tecnologia como ferramenta para também suscitar a reflexão do professor perante a construção do conhecimento, considerando os diferentes contextos nos quais estão as relações de ensino e aprendizagem.

Relembramos que nossas considerações não são finais, porque concluir não significa por fim ou encerrar, estamos sempre em movimento e, portanto, abertos aos questionamentos ou constantes inquietações que poderão emergir.

Finalmente, gostaríamos de salientar que escrever uma Dissertação de Mestrado como resultado de uma pesquisa foi um trabalho de constante aprendizado. Aprendi a lidar com minhas limitações e, a partir delas, fui crescendo na prática da investigação e da escrita acadêmica. Desenvolver essa pesquisa foi, sobretudo, compreender muito além de como acontecem as práticas de LD em AVA no ensino superior. Foi perceber o grande valor que um professor tem na vida de seu aluno. Foi, ainda, compreender que a educação é uma complexa rede de conexões, na qual cada ponto se modifica e é modificado pelo todo. Não há como se pensar as tecnologias digitais na educação, sem pensar no currículo, no professor, no aluno, na prática docente em sala de aula e na formação deste professor. Estes são fatores primordiais para uma evolução que contemple melhorias nas questões educacionais. Por fim, reitero que este trabalho abre caminhos para novas pesquisas, pois, pensar e investigar questões relacionadas as práticas do letramento digital é um desafio na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. *Educação a distância na Internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem*. Pesquisa[on line]. 2003, v. 29, n. 2, pp. 327- 340.

_____. *Tecnologias na Educação: dos caminhos trilhados aos atuais desafios*. *BOLEMA – Boletim de Educação Matemática*, n. 29, ano 21, 2008.

_____. *Gestão de tecnologias, mídias e recursos na escola: o Compartilhar de significados*. Em aberto, Brasília, c. 22, n. 79, p. 75-89, jan. 2009.

ARAÚJO, J. C. *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BASSANI, P. B. S. *Modelagem das interações em ambiente virtual de aprendizagem*. 2006. 184 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. SP: Edições 70, 2011.

BAWDEN, D. (2008). *Origins and concepts of digital literacy*. In C. Lankshear & M. Knobel (Eds.), *Digital Literacies: concepts, policies and practices* (pp. 17-32). New York, NY: Peter Lang.

BEHRENS, M. A. *A formação Pedagógica e os desafios do mundo moderno*. IN: MASETTO, Marcos. (Org.) *Docência na Universidade*. 4 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2002. p.57-68.

BRAGA, D. *Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas*. São Paulo: Cortez, 2013.

BUZATO, M. E. K., *Letramento digital: um lugar para pensar em internet, educação e oportunidades*. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EDUCAREDE, 3, São Paulo, 2006. Anais. São Paulo: CENPEC, 2006. s/p.

_____. *Desafios empírico-metodológicos para à Pesquisa em letramentos Digitais*. *Trab. linguista. apl.* [online]. jan./jun. 2007, v. 46, n. 1, p. 45-62. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v46n1/a05v46n1.pdf>>.

COSCARELLI, C V; RIBEIRO, A. E. (Orgs). *Letramento Digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2005.

_____. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2010.

DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo. Editora Cortez, 1996.

DURAN, D. *Alfabetismo digital e desenvolvimento: das afirmações às interrogações*. Tese apresentada à Faculdade de Educação da USP para obtenção do título de Doutor em Educação. São Paulo, 2008.

COLL, C.; MONEREO, C. *Psicologia da educação virtual: aprender a ensinar com as tecnologias da informação e comunicação*. Tradução de Naila Freitas. Porto Alegre. Editora Artmed, 2010.

FLORES, J.B. *Letramento Digital na formação superior do professor de matemática na modalidade a distância*. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação UCS. 2013. Disponível em:
<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/468/Dissertacao%20Jerônimo%20Becker%20Flores.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Tradução de Moacir Gadotti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *A pedagogia do oprimido*. 17a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa - 21ª Edição*- São Paulo. Editora Paz e Terra, 2002.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREITAS, M.T. A. (2010). *Letramento digital e formação de professores*. Educação em Revista, v. 26, n. 3, p. 335-352.

KENSKI, V. *Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente*. Revista Brasileira de Educação, n. 8, p. 58-71, Brasília, mais/ago., 1998.

_____. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas. Ed. Papirus. 2012

LEITE, L S. *Mídia e a perspectiva da tecnologia educacional no processo pedagógico contemporâneo*. In: FREIRE, Wendel et al. (Org.). *Tecnologia e Educação: as mídias na prática docente*. RJ: Wak Editora, 2008. p. 61- 105.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre. Editora Sulina, 2002.

_____. *Cidade Digital*. Salvador: EDUFB, 2007.

_____. *Comunicação e Mobilidade. Aspectos Socioculturais das Tecnologias Móveis no Brasil*. Salvador, Edufba, 2009.

_____. *O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*, Ed. 34, 1993.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *Inteligência coletiva: para uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo. Editora Loyola, 2007.

_____. *O que é virtual?* 2. Ed. São Paulo; Editora 34, 2011.

LIMA, T.C.S de; MIOTO, R.C.T. *Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica*. Katál, Florianópolis, v.10, spe, 2007.

LIMA, T.C.S. de; *Aspectos Discursivos da Constituição da Autoria em Resenhas Acadêmicas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, 2008, Uberlândia, BR-SP

MARTIN, A. *Digital Literacy and the digital society*. In LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *Digital Literacies: Concepts, Policies and Practices*. New York: Peter Lang Publishing, 2008.

MASETTO, M. T. *Mediação pedagógica e o uso da tecnologia*. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. *Novas Tecnologias e mediação pedagógica*. 20ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2011. (Coleção Papirus Educação)

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2002.

NEVES, B. C. *Formação e orientação: aspectos da mediação no universo da inclusão digital*. Inc. Soc., Brasília, DF, v. 5 n. 1, p. 44-57, jul. /dez. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/177/209>>

NEVES, J. L. *Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades*. Rege, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 23 março. 2017.

OLIVEIRA, A. S. *Crime por Meios Eletrônicos*. Brasília: Universidade Gama Filho, 2009.

PAIVA, V. L. M. de O. *O Uso da Tecnologia no Ensino de Línguas Estrangeira: breve retrospectiva histórica*. 2008 - Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/techist.pdf>>

PAVIANI, J. *Problemas de filosofia da educação: o cultural, o político, o ético na escola, o pedagógico, o epistemológico no ensino*. 7a ed. Caxias do Sul. Editora Educs, 2005.

PEREIRA, A. *Ambientes Virtuais de Aprendizagem: em diferentes contextos*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda, 2007.

PEREIRA, L.R.; DOS ANJOS, D.D. *O professor do ensino superior: Perfil, desafios e*

trajetórias de formação. In: Anais Eletrônicos do Seminário Internacional de Educação Superior, Universidade de Sorocaba, 2014. Em: https://www.uniso.br/anais_eletronicos/2014/1_es_formacao_de_professores/31.pdf

PICCOLI, L. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre. V.35 – Pg 261, 2010.

PINO, I. *A cultura digital e a formação dos professores: uma questão em debate*. In: Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 121, out.-dez. 2012. p. 967-972.

PRENSKY, M. *Nativos Digitais, Nativos Imigrantes* - Disponível em <http://www.marcprensky.com/writing> - (texto publicado na sua primeira versão em 2001).

RAMAL, A. C. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAMOS, J.M. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins fontes, 1997.

RIBEIRO, A. E. *Ler na tela: letramento e novos suportes de leitura e escrita*. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.) *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. (Coleção Linguagem e Educação) p. 125-150

_____. *Navegar lendo, ler navegando - Aspectos do Letramento Digital e da Leitura de Jornais*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RIBEIRO, A. E., COSCARELLI, C. V. *O que dizem as matrizes de habilidades sobre a leitura em ambientes digitais*. Educ. rev., Dez 2010, vol.26, no.3, p.317. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300016&lng=en&nrm=isso

ROSTAS, M.H.S.G.; ROSTAS, G.R. *O ambiente virtual de aprendizagem (moodle) como ferramenta auxiliar no processo ensino-aprendizagem: uma questão de comunicação*. In: SOTO, U., MAYRINK, MF., and GREGOLIN, IV., orgs. *Linguagem, educação e virtualidade [online]*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 135- 151. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/px29p/pdf/soto-9788579830174-08.pdf>.

SAMPAIO, M. N. e LEITE, L. S. *Alfabetização tecnológica do professor*. (4ª ed.). Petrópolis. Ed. Vozes, 2004.

SANTAELLA, L. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo. Editora Paulus, 2ª edição, 2004.

_____. *Da cultura de massa às interfaces na era digital*. Revista Faced, Salvador, n.14, p.105-118, jul./dez. 2008.

SANTOS, E. O.; SILVA, M. *Avaliação Online: O modelo de suporte tecnológico do Projeto TelEduc (2003)*. In: *Avaliação em Educação Online*, Edições Loyola.

SILVA, M. *Sala de Aula Interativa*. Rio de Janeiro. Editora Quartet, 2001.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade*: Campinas, vol.23, n.81, p.143-160, dez. 2002.

_____. *Letramento e Escolarização*. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, p 287. 2004.

SOUZA, M. C. S. *Produção do conhecimento em EAD: um elo entre professor – curso – aluno*. In. CINFORM - Encontro Nacional de Ciência da Informação V, Salvador, Bahia. 2004.

TAJRA, S. F. *Informática na Educação: novas ferramentas para o professor da atualidade*. 2ªed. São Paulo. Editora Érica, 2000.

VALENTINI, C.; SOARES, E. M. do S. *Docência na cultura digital: reflexões a luz da biologia do conhecer*. Revista Signo, Santa Cruz do Sul, v.36, n.61, 326-38, jul. Dez de 2011.

XAVIER, A. G. P. *Ética, técnica e política: a competência docente na proposta inclusiva*. In: Revista Interação. p.19, Vozes, 2002.